

YAGO MATHEUS DA SILVA

As manifestações estéticas e políticas do partido *Alternative für Deutschland* (AfD) e do movimento social *Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes* (PEGIDA): problemas sociais e políticos do tempo presente na Alemanha.



YAGO MATHEUS DA SILVA

As manifestações estéticas e políticas do partido *Alternative für Deutschland* (AfD) e do movimento social *Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes* (PEGIDA): problemas sociais e políticos do tempo presente na Alemanha.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

ARARAQUARA – S.P.
2018

da Silva, Yago Matheus

As manifestações estéticas e políticas do partido
Alternative für Deutschland (AfD) e do movimento
social Patriotische Europäer gegen die Islamisierung
des Abendlandes (PEGIDA): problemas sociais e
políticos do tempo presente na Alemanha. / Yago
Matheus da Silva – 2018

76 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e
Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

1. AfD. 2. PEGIDA. 3. Patologias Sociais. 4.
Estética Social. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

YAGO MATHEUS DA SILVA

As manifestações estéticas e políticas do partido *Alternative für Deutschland* (AfD) e do movimento social *Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes* (PEGIDA): problemas sociais e políticos do tempo presente na Alemanha.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

Data da defesa/entrega: 21/05/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin – UNESP/Araraquara

Membro Titular: Prof^a. Dra. Karina Lilia Pasquariello Mariano – UNESP/Araraquara

Membro Titular: Prof^a. Dra. Renata Medeiros Paoliello – UNESP/Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

RESUMO

A monografia trata do problema que AfD (*Alternative für Deutschland*) e PEGIDA (*Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes*) representam no contexto social e político alemão, um problema que possui suas raízes em diferentes mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas, por exemplo, as mudanças produzidas nas leis trabalhistas (Hartz) que impactaram diretamente o nível de vida dos trabalhadores, a imigração de massa que impôs transformações no modo de vida da sociedade alemã e os efeitos negativos da globalização econômica e política. Desta forma, o reaparecimento das patologias sociais da intolerância, da xenofobia, do racismo voltados contra a figura do estrangeiro, do imigrante, do muçulmano e do Islã se caracterizam como uma reação por parte de AfD e PEGIDA às novas dinâmicas vigentes na sociedade. Logo, a monografia problematiza a forma com a qual ambos criaram uma nova estética social e política – nas imagens e nas palavras – para comunicação direta com o público. A ideia de estética social como método nos ajuda a olhar de forma aprofundada a importância do bombardeio de informações e mensagens que a AfD e o PEGIDA utilizam. Nos ajuda, também, a compreender a utilização dos slogans e de palavras agressivas em seus protestos, uma semântica que se volta para atingir em profundidade as emoções, que são apresentadas com simplicidade e associadas aos fatos do dia a dia, mas com a capacidade de causar medo e despertar a indignação, estigmatizar determinados grupos da sociedade e construir consenso em meio aos indivíduos, visando obter rapidamente a hegemonia cultural e política.

Palavras-chave: AfD. PEGIDA. Patologias Sociais. Estética Social.

ABSTRACT

The monograph deals with the problem that AfD (*Alternative für Deutschland*) and PEGIDA (*Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes*) represent in the German social and political context, a problem that has its roots in different changes that have occurred over the last decades, for instance, the changes produced in labor laws (Hartz reforms) that directly impacted workers' living standards, mass immigration that imposed transformations in the way of living of German society and the negative effects of economic and political globalization. In this way, the return of the social pathologies of intolerance, xenophobia and racism directed against the figure of the foreigner, the immigrant, the Muslim and Islam are characterized as a reaction by AfD and PEGIDA to the new dynamics in force in the society. Therefore, the monograph discusses the way in which both created a new social and political aesthetic - in images and words - for direct communication with the public. The idea of social aesthetics as a method helps us to look closely at the importance of the bombardment of information and messages that AfD and PEGIDA use. It also helps us to understand the use of slogans and aggressive words in their protests, a semantics that reaches the emotions, which are presented with simplicity and associated with the facts of the daily life, but with the capacity of causing fear and indignation, stigmatize certain groups of society and build consensus among individuals, aiming to obtain cultural and political hegemony.

Keywords: AfD. PEGIDA. Social Pathologies. Social Aesthetics.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AfD	Alternative für Deutschland
PEGIDA	Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes
CDU	Christlich Demokratische Union Deutschlands
SPD	Sozialdemokratische Partei Deutschlands
KiKa	Kinderkanal

Sumário

1 - INTRODUÇÃO	7
2 - AS RAÍZES DO PROBLEMA: AS MUDANÇAS NA SOCIEDADE E ECONOMIA ALEMÃ E SEUS EFEITOS	10
2.1 - GLOBALIZAÇÃO	11
2.2 - AS LEIS HARTZ	17
2.3 - A QUESTÃO IDENTITÁRIA	21
2.4 - O POPULISMO, A POLÍTICA DO MEDO E A QUESTÃO SECURITÁRIA	28
3 – AS MANIFESTAÇÕES ESTÉTICAS: AFD E PEGIDA E A ESTÉTICA SOCIAL	37
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

1 - Introdução

A monografia tem por objetivo apresentar o problema que a AfD e o movimento PEGIDA representam hoje no contexto social e político alemão. Para tanto, a monografia apresenta as principais questões que explicam o problema em suas mais variadas dimensões. Neste sentido, o primeiro capítulo aborda as questões que compõem a base do problema que em sua dimensão é multicausal e composto por diferentes dinâmicas que, direta ou indiretamente, contribuem para o reaparecimento das patologias sociais da intolerância, da xenofobia, do racismo voltados contra a figura do estrangeiro, do imigrante, do muçulmano e do Islã: as mudanças produzidas nas leis trabalhistas (leis Hartz) que impactaram o nível de vida dos trabalhadores, as transformações no modo de vida com a imigração de massa e os efeitos negativos da globalização econômica e política.

A primeira causa a ser apresentada é a globalização. O fenômeno da globalização proporcionou mudanças na sociedade capitalista, mudanças profundas e desestabilizadoras, que não se limitaram apenas ao âmbito econômico, mas alcançaram uma dimensão que modificou de forma brutal a vida cotidiana dos indivíduos, isto é, afetaram de maneira objetiva a política, a cultura e os valores. Logo, o que se busca mostrar com a abordagem das mudanças ocorridas a partir da globalização é o problema da monografia: abordar a globalização enquanto um fator que desencadeia tensões, rupturas e que agrava contradições, ou seja, um conjunto de processos que desestabiliza a política, que transforma a realidade através de novas tensões. O propósito inicial exposto na ideologia neoliberal de redefinir a política e produzir um espaço global aberto à livre movimentação dos capitais que, em seu pressuposto afirmava que o fim das barreiras protecionistas geraria um sempre maior crescimento econômico, novas inovações tecnológicas, contínuo aumento da riqueza e benefício para todos os países e pessoas produziu o aumento das desigualdades econômicas, a fragmentação do tecido social, a despolitização, o “retorno” do racismo e da xenofobia e a antipolítica. O acúmulo de incertezas, inseguranças, angústias e medos, bem como, os novos conflitos sociais foram agravados e os espaços que deveriam ser abertos tornaram-se espaços sufocantes e conflituosos, onde a pobreza encontra a riqueza através das dinâmicas impostas pela economia global, assim como a mesma economia (na forma de mercado) toma o lugar da política em termos de prestígio e poder.

Paralelamente, a questão econômica se caracteriza como um fator de extrema importância para a explicação do problema desta monografia. As mudanças ocorridas na

Alemanha não apenas levaram a uma maior precarização do trabalho, mas afetaram diretamente a condição de vida dos indivíduos, deterioraram a condição existencial dos trabalhadores, tanto em relação aos direitos como em relação à segurança que outrora o Estado garantia aos indivíduos. Todas essas mudanças impactaram a Alemanha nas últimas décadas e é a partir delas que podemos entender a forma como o partido e o movimento aqui apresentados operam de forma a reagir a tais dinâmicas, uma forma de reação problemática, no sentido de que culpabilizam determinados grupos da sociedade pelas desventuras ocasionadas por problemas de dimensões colossais, mas que tais grupos simplificam na forma demagógica como apresentam suas ideias.

Posteriormente, a questão identitária será abordada no intuito de mostrar como o problema vai além das mudanças econômicas e políticas: a afirmação da identidade e a negação do diferente representam a força motora para a AfD e o PEGIDA, são também capazes de produzir o combustível para legitimar todos os estigmas dos quais se utilizam para desqualificar os estrangeiros (principalmente os imigrantes adeptos do Islã) que é a política do medo. O discurso da política do medo age em nome do povo e das tradições, ao mesmo tempo, que reverbera a questão securitária relacionando-a com a questão identitária: os três pontos são essenciais para o entendimento do problema em sua totalidade, visto que os mesmos se interligam e exprimem aquilo que está contido nas manifestações do PEGIDA e da AfD, mostrando como ambos são um fenômeno econômico, político e cultural de reação às profundas transformações ocorridas nas últimas três décadas.

No segundo capítulo, a abordagem da linguagem política dos atores é desenvolvida, problematizando as questões apresentadas no primeiro capítulo e mostrando, através da propaganda política, a forma com a qual ambos criaram uma nova estética social e política – nas imagens e nas palavras – para comunicação direta com o público. Neste sentido, a ideia de estética social nos ajuda a olhar de forma aprofundada a importância do bombardeio de informações e mensagens que a AfD e o PEGIDA utilizam, isto é, nos ajuda a compreender a utilização dos slogans e de palavras agressivas em seus protestos: nos ajudam a entender a semântica de tais grupos, uma semântica que se volta para atingir em profundidade as emoções, que são apresentadas com simplicidade e geralmente associadas aos fatos do dia a dia, mas que possuem a capacidade de causar medo e despertam a indignação nos indivíduos. Paralelamente, os slogans, as fórmulas políticas, as palavras de ordem e os símbolos são as ferramentas utilizadas pela política do medo que, através das manifestações estéticas, são

utilizados para construir consenso em meio aos indivíduos e para estigmatizar determinados grupos da sociedade, visando obter rapidamente a hegemonia cultural e política.

Logo, para apresentar e dar sustentação ao problema aqui tratado, utilizaremos as ideias de autoras e autores que desenvolveram reflexões aprofundadas acerca dos aspectos que permeiam o problema desta monografia. Desse modo, para apresentar a questão da globalização utilizaremos as obras da socióloga Saskia Sassen e do filósofo político Carlo Galli para entendermos as mudanças que ocorridas nas últimas décadas, e como as mesmas são fruto da abertura que a globalização possibilitou. Abordaremos a questão econômica com as ideias do sociólogo Luciano Gallino, que problematiza a questão da precarização do trabalho e as mudanças que levam a um declínio no modo e no nível de vida dos trabalhadores e nosso tempo histórico. Ademais, para abordar as questões identitárias, securitárias, do populismo e da política do medo, utilizaremos autores como o sociólogo Alessandro Dal Lago, que apresenta a ideia de não-pessoa e a desumanização dos indivíduos que não pertencem ao território, utilizaremos ainda as ideias do sociólogo canadense Erving Goffman, que nos apresenta a ideia de estigma e nos possibilita entender a dinâmica dos mesmos. Para abordarmos a questão das manifestações estéticas, utilizaremos as ideias da filósofa Barbara Carnevali para demonstrar a forma como as palavras e imagens possuem força e são potentes ferramentas de representação das sensações. Para mais, as ideias de autores como a filósofa Wendy Brown e do filósofo Tzvetan Todorov serão utilizadas para abordar a questão do retorno dos muros como uma forma de proteção, seja contra a invasão de formas de vida estranhas à desejada e aceita no território nacional, seja para reestabelecer a força e prestígio do Estado que assiste ao declínio de sua soberania e busca com os muros materiais e imateriais reestabelecer sua condição de força soberana impenetrável e segura para os seus cidadãos.

2 - As Raízes do Problema: As Mudanças na Sociedade e economia alemã e seus efeitos.

Diversos são os fatores que podem ser atribuídos como impulsionadores do sucesso e da força que a *Alternatif für Deutschland* (Alternativa para a Alemanha, usualmente denominado AfD) e o *Patriotische Europäer gegen die Islamisierung des Abendlandes* (Europeus patriotas contra a islamização do ocidente, usualmente denominando PEGIDA) agregaram ao longo dos últimos anos. Diversas mudanças na sociedade alemã, em sua totalidade, podem ser apontadas como causas do desenvolvimento das ideias e dos valores contidos nos objetos desta monografia. Neste sentido, iniciaremos a discussão tratando de como a queda no nível de vida e as transformações no modo de vida da população alemã formam fatores determinantes no recente sucesso da extrema direita no país. As eleições de setembro de 2017 levaram ao parlamento alemão a AfD como terceiro partido mais votado nas eleições e passando a compor comissões parlamentares no *Bundenstag* em 2018. O resultado das eleições nos revela como a situação econômica e política proporcionou o deslocamento de votos para um partido com discurso e ideias avessas aos princípios democráticos e dos direitos humanos, e que faz ressurgir no parlamento alemão a presença de um partido político de extrema direita, fato inimaginável em um país marcado pelo passado nazista. A classe média, não somente na Alemanha, mas em todos os lugares que o capitalismo aportou levando seus valores e imperativos nos últimos 20 anos, teve sua vida modificada pelos reflexos das mudanças econômicas sofridas nas últimas décadas e, como resposta a tais mudanças, buscaram conforto e a solução para seus problemas no discurso dos partidos e movimentos populistas de extrema direita.

Para que seja possível demonstrar o problema de maneira sistemática e compreensível, serão apresentados argumentos e explicações presentes na literatura que trata de tais mudanças. Posteriormente, serão demonstrados casos concernentes à Alemanha para mostrar a maneira como a AfD e o PEGIDA se utilizam de uma situação econômica e política que geram incerteza permanente, o medo difuso, a insegurança disseminada no cotidiano e a raiva nos alemães.

Paralelamente, tais partidos e movimentos se utilizam do estrangeiro como um bode expiatório, cuja existência é a causa dos problemas econômicos, políticos e culturais inesperados, imprevistos e impactantes na vida pessoal e coletiva. A estratégia política de imputar a culpa ao estrangeiro e ao imigrante e a difusão desta política do medo que se utiliza das questões identitárias e religiosas para influenciar a população, mostram que os problemas

cotidianos derivam não de uma causa singular e pontual, mas formam uma complexa rede de processos sociais que geram conflitos sociais. Iniciaremos tratando das mudanças ocorridas com a globalização para entender o problema de forma aprofundada.

2.1 - Globalização

Para entendermos as questões econômicas e políticas que permeiam a discussão aqui estabelecida, devemos apontar para alguns aspectos de extrema importância quando tratamos da globalização. A ideia de Estado e a importância de tal instituição são pontos determinantes para explicá-la, bem como seu impacto na vida dos alemães. Nas últimas décadas, o Estado perdeu, e continua a perder, sua importância e, paralelamente a essa perda de importância, carrega consigo o fim de uma ideia de Estado responsável pelo bem estar e condição de vida dos indivíduos.

Algumas análises acerca da globalização nos ajudam a compreender as mudanças presentes no contexto capitalista atual. Carlo Galli apresenta o surgimento histórico da desta da seguinte forma:

A desregulamentação da circulação do capital, o colapso do comunismo e o boom da eletrônica são os três eventos desencadeantes - econômico, político e tecnológico - que nos últimos dez anos do século XX permitiram um salto de qualidade na globalização do capital, um fenômeno que começou a produzir-se com mais intensidade e progressivo crescimento desde as Origens da Idade Moderna. O conjunto de fenômenos resultantes de tudo isso é o desenvolvimento de algumas tendências já em curso e uma profunda modificação das relações entre economia e política; além disso, a globalização é tão nova e radical - o nome dado a esses processos, ainda *in fieri* - que pode ser assumido como o slogan emblemático que qualifica o final do século (e provavelmente as próximas décadas), como a modalidade de ação, de produção e de elaboração cultural que impregna e determina todos os níveis de existência, isto é, como uma *época*. (GALLI, 2002, p.119 – tradução nossa¹).

Galli (2002) nos apresenta, também, a ideia de que a globalização é um fenômeno multicausal, um conjunto de processos que derivam efetivamente da modernização e que leva as dinâmicas do capitalismo a outro patamar, muito além delas mesmas. O autor enfatiza a questão da globalização se tratar de uma ruptura, de ausência de limites, um fenômeno de deformação das geometrias políticas (GALLI, 2002). Logo, para o autor, a globalização representa, quando a pensamos em termos econômicos, uma mudança vertiginosa nos

¹ A tradução dos textos em língua estrangeira é de responsabilidade do autor.

processos que outrora vigoravam no capitalismo, ou seja, é uma nova forma de capitalismo, mais rápido, um “turbocapitalismo”, uma nova forma que deixa para trás o fordismo e gera um capitalismo flexível e descentralizado em relação ao modo e produção e contratação/recrutamento de pessoal, bem como na sua relação com as demandas do mercado, que passam a ser uma relação de *just in time*, isto é, sempre pode atender as demandas e requerimentos do mercado em tempo real e sem as amarras a um território, uma vez que o novo capitalismo se desterritorializa e desmaterializa nesta nova fase econômica. De maneira resumida,

O nascimento da empresa transnacional marca de todas as maneiras o fim da fábrica fordista e, ao mesmo tempo, de sua projeção multinacional, da centralidade social e política das organizações operárias e do Estado social. E é o fim da contenção do ilimitado no limitado, isto é, de um dos pressupostos espaciais da política moderna, do comando da política sobre a economia, ou pelo menos da possibilidade de dar à economia e à sociedade uma figura e uma forma política. A economia, tanto financeira como produtiva, transcende o espaço dos limites e das formas vitais, e substitui a política conferindo sentido ao espaço, dando vida ao que hoje é definido como geoeconomia e que vê que o Estado constitui apenas uma variável do processo econômico (GALLI, 2002, p.123).

Para o autor, a nova economia se desvincula do poder político e se organiza agora em dois diferentes espaços: um espaço que é cibernético e organizado em redes, composto pelas cidades globais e economias regionais, e outro, que está exposto aos fluxos e dinâmicas da economia global e não mais preocupado com os limites impostos pelo Estado, nem submetido às hierarquias espaciais outrora importantes. Nas cidades globais e no interior delas, “[...] se abrem espaços desiguais, de pobreza e riqueza, de imigração de mão de obra e de concentração de cérebros e tecnologias inovadoras, de domínio e dependência” (GALLI, 2002, p.124).

Em relação à política, Galli nos apresenta um panorama onde, na era da globalização, a política sofre uma superação em relação aos limites de soberania sobre conflitos, dado que outrora tais conflitos eram limitados a um espaço fechado, mas agora passam a ser conflitos internacionais. São conflitos entre Norte e Sul, entre Primeiro e Terceiro mundo, que ocorrem em um espaço que supostamente estaria unificado, mas que na realidade nada mais é que um mundo sem centro, mas com diversas periferias; um mundo unificado, porém não unitário; tecnificado e economizado, porém não neutralizado. Desta forma,

A centralidade moderna do espaço do Estado é severamente abalada - mais do que pelo fenômeno migratório - pela "dispersão" do fenômeno econômico, e porque agora falta a ele a forma dada pela política; o primeiro efeito mais notável é a tendência a restringir o estado social (...) a redução da pressão distributiva do Estado sobre a sociedade e, portanto, a liberdade da "mobilidade" que pertence ao sujeito individual e sua produção social (GALLI, 2002, p.125).

Para Galli (2002), a política passa a ser caracterizada por sua debilidade, como se seu espaço se tornasse exíguo e sutil e as tarefas do governo diminuíssem em quantidade e intensidade, sendo agora atribuídas ao mercado. Logo,

Em suma, todo o espaço político, inicialmente relativamente fechado e homogêneo, é agora potencialmente uma mistura étnica, voltada para o multiculturalismo e lutas por reconhecimento que se manifestam nos Estados, que não são mais espaços políticos monoculturais, mas em que os novos critérios, as modalidades e os significados da cidadania ainda estão à espera de serem escritos, enquanto os "velhos" da modernidade e do Estado nacional estão cada vez mais sob pressão (GALLI, 2002, p.126).

Para uma melhor compreensão do que a globalização representa em sua fase atual, é de extrema importância apresentar as dinâmicas e processos tratados por Saskia Sassen (2003). A autora afirma que a globalização, nos dias atuais, traz consigo uma nova forma de capitalismo, uma forma que é brutal, agressiva, que busca maximizar ganhos através de uma exploração cada vez mais irresponsável e uma manipulação de agentes e meio cada vez mais voraz, isto é, o mercado passou a ter uma gigantesca importância na vida dos indivíduos, passou a controlar desde a política, democracia e mídia, até a vida cotidiana dos indivíduos. Em sua obra *Os Espectros de la Globalización*, Sassen (2003) nos mostra como a globalização se desenvolve e ganha espaço na contemporaneidade, além dos efeitos da globalização em relação ao que é gerado pela mesma, ou seja, nos revela como a globalização é danosa quando traz consigo diversas imposições, bem como a destruição de modos de vida para a construção de um modo novo, ocidentalizado, com valores que se tornaram universais ao longo das últimas décadas e que foram espalhados mundo afora com a falsa ideia de um mundo aberto à todos, um mundo sem fronteiras.

Logo, nos deparamos com um dos problemas mais marcantes que a globalização acarretou: a intensificação da imigração. De acordo com Sassen (2003), a imigração é um dos processos constitutivos da globalização atual, resultado da transnacionalização do capital e da própria mão de obra. Há, porém, uma ideia errada para explicar a imigração. A ideia corrente,

disseminada pelo senso comum, é a que considera a imigração como causa pela pobreza, superpopulação ou estagnação econômica. No entanto, para Sassen, superpopulação, pobreza e estagnação econômica possuem sua parcela de pressão sobre a imigração, mas fica claro que a relação da imigração com tais condições se constitui extremamente simplista (SASSEN, 2003). Logo, em um contexto marcado pela transnacionalização de capitais, a imigração se constitui como parte de uma dinâmica econômica transnacional e geopolítica, resultado das ações dos governos e principais atores econômicos dos países receptores, e não apenas condicionada à ação individual dos emigrantes, nem às condições socioeconômicas no Terceiro Mundo. Sassen afirma ainda que as imigrações não ocorrem simplesmente. Para ela, as imigrações são produzidas e respondem a um padrão, uma demanda necessária nos países altamente industrializados.

Saskia Sassen (2014) vai além e nos apresenta a dinâmica das expulsões, um ponto fundamental para se compreender o fenômeno migratório na Europa. Como forma de definir o que são as expulsões, podemos qualificar tal dinâmica como efeitos do capitalismo predatório, que na atualidade avança por todo o mundo. Partindo da ideia de que o capitalismo contemporâneo é, segundo Sassen, brutal, predatório, violento e que gera, através da desregulamentação, os fenômenos do empobrecimento e da perda de direitos, que podem ser caracterizados como expulsões, o novo capital se caracteriza, também, por ser móvel, ou seja, por não possuir mais as amarras que outrora o prendia ao Estado. Ele não opera da mesma forma que operava quando o keynesianismo e o Estado social impunham-lhe os deveres para com os trabalhadores, quando de fato existia uma regulamentação.

Na atualidade, o capitalismo se movimenta a seu bel prazer. Seu deslocamento não mais depende da política, pelo contrário, o novo capitalismo libertou-se dela e passou a praticar uma extração de mais valor, rápida, voraz e irresponsável, não mais em escala nacional, mas agora em escala global. As cidades globais são um exemplo do exposto acima: um espaço onde o capitalismo predatório extrai mais valor de maneira exacerbada, criando conflitos sociais e desigualdade extrema.

A cidade global é um espaço para produzir alguns dos insumos mais avançados exigidos pelas empresas globais. Em contrapartida, a terceirização tem a ver com espaços para a produção padronizada de componentes, *call centers* de massa, trabalho de escritório padronizado e outras coisas, todas de massa e padronizadas. (...) Neles se concentram diferentes mercados de trabalho, infraestruturas particulares e ambientes construídos, essenciais para a economia global. São os espaços que tornam visíveis as múltiplas desregulamentações e garantem contratos desenvolvidos e implementados pelos governos em todo o mundo e pelas

principais organizações internacionais, e se beneficiam deles; em ambos os casos, o trabalho pago em grande parte pelos contribuintes de quase todo o mundo (SASSEN, 2014, p.18).

Em um contexto de extrema desregulamentação e desnacionalização, onde o mercado se sobrepõe à política, valores se modificam e a hipercompetitividade se torna regra primordial para os indivíduos que vivem agora em uma economia de mercado mundializada, uma sociedade de hiperconsumismo e hiperindividualismo, esta mesma sociedade, que agora é globalizada e possui conflitos cada vez mais latentes e de difícil resolução, é a sociedade que vivencia o problema das migrações. Para Saskia Sassen (2014), as migrações são decorrentes da perda massiva do habitat, isto é, um fenômeno decorrente das violentas e brutais expulsões que o capitalismo, na sua fase atual, gera. As migrações são decorrentes das expulsões causadas pelas mudanças climáticas, pela desregulamentação e pelas intervenções econômicas impostas aos países periféricos por instituições financeiras, que controlam e ditam as regras da economia mundial e que impõem suas receitas de como prosperar dentro do capitalismo.

As migrações estão diretamente ligadas às "formações predatórias" (SASSEN, 2014, p.13) que a globalização, em sua forma atual, impõe aos países, isto é, guerras, catástrofes naturais e ambientais, desemprego, pobreza e violência. São fatores que estão intrinsicamente ligadas às expulsões e que podem ser vistas em todas as localidades em que a mundialização do capital aportou. Para Sassen (2014), as formações predatórias são compostas pelas elites econômicas capazes de utilizar as redes tecnológicas, os sistemas político e jurídico, as técnicas de contabilidade e os meios de comunicação para promoverem uma nova acumulação primitiva do capital, bem como, uma ampliação do processo produtivo em escala planetária e a imensa concentração de riqueza e poder.

Contudo, para além dos efeitos decorrentes das expulsões e de todas as questões que se conectam a ela, temos outros problemas que decorrem das migrações. Problemas que existem dentro das sociedades que recebem migrantes e que se caracterizam na forma como estrangeiros são vistos e tratados nas sociedades em que chegam. É válido enfatizar que as dinâmicas que levam a um fluxo de migrações desde o terceiro mundo em direção aos países no hemisfério Norte são apenas um dos fatores que influenciaram o ganho de força dos partidos e movimentos de extrema direita como a AfD e o PEGIDA. O senso comum e a mídia simplificam tais atores, apresentando-os como o resultado da crise migratória. No entanto, o ganho de força de partidos e movimentos na Alemanha e na Europa como um todo

é, antes de tudo, um problema que se desenvolve a partir de processos e dinâmicas que podem ser atribuídas à globalização e todas as mudanças introduzidas por ela nos últimos 30 anos.

Uma vez entendidas as dinâmicas impostas pela globalização, tanto no âmbito político e econômico, demonstraremos agora os problemas gerados nesta nova fase do capitalismo. Problemas que se relacionam com a AfD e o PEGIDA, se pensarmos que é a partir das dinâmicas da globalização que desigualdades são geradas em nosso tempo histórico.

Luigi Ferrajoli (2017), afirma que fatores como o eclipse da política, agressão ao Estado Social e o aumento da desigualdade impulsionam a proliferação e generalização de uma linguagem de ódio, que são o resultado do declínio da solidariedade e dos vínculos sociais, mas, sobretudo,

A desigualdade, a extrema pobreza, o desemprego, a precaridade e a sensação de insegurança acabam, previsivelmente, com a confiança na esfera pública e o sentimento de pertencer a uma comunidade de iguais. Daí o ódio aos diferentes, os migrantes, em primeiro lugar, concebidos como inimigos (FERRAJOLI, 2017).

Ferrajoli (2017) trata da ideia de que a própria luta de classes no contexto da globalização passa a ter diferentes características, isto é, a estratégia política que o novo capitalismo introduz coloca os trabalhadores pobres contra trabalhadores ainda mais pobres (imigrantes), ou, como coloca Ferrajoli, “[...] coloca o último contra o penúltimo, o pobre contra o muito pobre. Uma estratégia que inverte a direção da luta de classes: não mais de baixo para cima, mas de baixo para aqueles que são ainda mais abaixo” (FERRAJOLI, 2017).

A linguagem de ódio que Ferrajoli (2017) cita é aquela produzida pelos fenômenos presentes em nosso tempo histórico, fruto das mudanças impostas pela da globalização. Segundo o autor, a linguagem de ódio pode ser caracterizada como o declínio na crença nas instituições, na política e nos outros cidadãos, que resulta de um processo de desintegração social causado pela desocupação, pela desvalorização do trabalho, dos baixos salários e da criação de desigualdades entre os trabalhadores. Por fim, ele afirma que a política abdicou de seu papel de tutela dos interesses gerais e de garantidor de direitos, sendo tal abdicação expressa na agressão ao estado social e no fato de que não é mais a política que governa a economia, mas o contrário, uma condição de subordinação da política ao mercado.

Trataremos agora de uma de reformas ocorridas na Alemanha que levaram a mudanças no modo e no nível de vida dos indivíduos, bem como mudanças em alguns aspectos da estrutura daquela sociedade.

2.2 - As leis Hartz

Dando continuidade ao que foi apresentado acerca da globalização, abordaremos, agora, uma mudança que significou o fim da estabilidade que Estado garantia aos indivíduos na Alemanha: a *Agenda 2010*. Idealizada no governo do socialdemocrata Gerhard Schröder, consistiu na introdução de reformas trabalhistas. Um conjunto de leis conhecidas como Hartz, formuladas através de políticas econômicas que, de certa forma, buscavam garantir a manutenção do emprego dos trabalhadores, mas, paralelamente, acabaram por agravar as desigualdades, contribuindo para o declínio do nível de vida daqueles que agora não terão seus salários aumentados e viverão uma vida precária, tanto no trabalho como na vida cotidiana.

Para compreender o que de fato representa a Agenda 2010 e como seus efeitos são perversos, mesmo que para os economistas as mudanças tenham gerado níveis baixos de desemprego, as mudanças geraram e ainda geram impactos a princípio não tão óbvios na vida dos que são afetados por ela, mas que são sentidos em outras questões dentro do contexto social.

As reformas trabalhistas na Alemanha seguem uma tendência que é puramente neoliberal, que além de introduzir mudanças no âmbito do trabalho (com os *mini-jobs*), que limitam os indivíduos ao nível de vida diferente daquele experimentado pela classe média no passado (com proteção do Estado e benefícios das empresas), desencadeia uma série de outros problemas sociais. O problema da pobreza na Alemanha é um dos efeitos que podemos citar para exemplificar tal cenário: um país com uma economia sólida e altamente industrializada, com forte poder político e econômico dentro da União Europeia, mas que não consegue conter o aumento da pobreza em seu próprio território, acarretando problemas sociais graves.

Além do problema da pobreza e desigualdade na distribuição de renda, o problema social vai além, visto que existe também a questão da precarização do trabalho, o que acaba levando a uma precarização da vida de forma geral. Luciano Gallino (2014) nos apresenta os efeitos e problemas desencadeados pelas mudanças que ocorrem no trabalho, abordando a questão da flexibilização como fator que leva à precarização da vida. Segundo ele,

Os trabalhos flexíveis envolvem custos pessoais e sociais significativos, em detrimento do indivíduo, da família e da comunidade. Na verdade, esses trabalhos não são apenas uma maneira diferente de trabalhar, coerentes com as necessidades da nova economia. Eles são uma maneira de trabalhar que, em comparação com o trabalho "normal" - que teve e ainda tem um custo para as pessoas - impõe cargas incomuns. São custos que não podem ser

subtraídos, ou tomados como não existentes, alegando que um número crescente de pessoas, especialmente os jovens, parecem ter aceitado fazê-los sem drama, e até mesmo declaram gostar deles (GALLINO, 2014, p. 07).

É de extrema importância que nos atentemos para as mudanças que ocorreram nos últimos anos em relação à forma como o trabalho passou a ser organizado na Alemanha e quais as consequências que as mudanças implementadas causaram na vida dos indivíduos, mas, sobretudo, entender como tais mudanças possuem relação com o crescimento e ganho de força de partidos e movimentos de extrema direita como a AfD e o PEGIDA.

Além de se tratar de uma política que congela e comprime os salários dos trabalhadores com menos qualificação (FAZI e IODICE, 2015), a Agenda 2010 torna precária a vida daqueles obrigados, pela necessidade, a aceitarem a flexibilização da vida profissional e, por conseguinte, da sua vida pessoal. As mudanças geradas pelas leis Hartz também operaram uma forma de limitação da segurança que o Estado uma vez garantiu ao trabalhador alemão, ou seja, o welfare alemão sofre um complexo redesenho em seu sistema, que pode ser compreendida da seguinte forma:

As principais medidas (da agenda de 2010) são duas. A primeira é a limitação do antigo subsídio de desemprego a um máximo de dois anos, após o que se realiza uma contribuição mensal de cerca de 480 euros (Arbeitslosengeld II), mas ligada à obrigação de aceitar qualquer emprego oferecido por agências de emprego (jobcenter), mesmo que o emprego não corresponda à profissão do trabalhador. A segunda consiste em ter institucionalizado tipos flexíveis de contrato, a tempo parcial, sazonal ou a prazo fixo. Mas o chamado *minijob*, contratos atípicos sem custo em termos de tributação para empresários e com retribuição não superior a 480 euros por mês, fez com que o mercado de trabalho deflagrasse. As únicas contribuições previstas são o mínimo exigido a ser pago nos fundos de previdência social, pagos pelo Estado (BUCCI, 2014).

Os efeitos das medidas que a reformas Hartz geraram, e geram, podem ser entendidos quando pensamos na questão do neoliberalismo, que na atualidade se constitui como uma força que destrói aquilo que a democracia por anos sustentou. Constitui-se em nosso tempo histórico como uma força que, segundo Wendy Brown (2015), faz com que a democracia se desfça, isto é, está erodindo de forma gradual os direitos e a segurança que outrora as grandes empresas e o Estado nacional ofereciam aos trabalhadores, quando a política ainda possuía autoridade e importância sobre a economia.

Wendy Brown (2015) explora a questão do modo como as dinâmicas neoliberais se inserem na democracia e destroem seus mecanismos, impondo novas regras, condutas,

esquemas e valores, sempre com a prerrogativa de liberdade e de superioridade do mercado. É possível pensar a Agenda 2010 como uma forma de mudança que se relaciona com as dinâmicas neoliberais e que se consolidam na atualidade, gerando problemas sociais e acentuando desigualdades. Segundo Brown (2015), o neoliberalismo pode ser entendido como um conjunto de políticas econômicas, que funcionam de acordo com seus princípios fundamentais de afirmação do livre mercado. Para a autora, tais políticas podem ser caracterizadas a seguinte maneira:

[...] Desregulamentação das indústrias e fluxos de capital; radical redução nas provisões e proteções do estado de bem-estar social para os vulneráveis; bens públicos privatizados e tercerizados [...] substituição de esquemas progressivos e regressivos de impostos e tarifas; o fim da redistribuição da riqueza como política econômica ou política social [...] (BROWN, 2015, p.28).

Quando pensamos na relação entre o neoliberalismo e as reformas Hartz, fica claro como a Agenda 2010 segue as imposições que o modelo neoliberal dissemina e como a queda no nível de vida dos alemães, a perda de direitos e da segurança estão intrinsicamente ligadas às reformas. Fica claro como as dinâmicas neoliberais são, também, responsáveis pelo declínio nas condições econômicas dos alemães e pelo aumento das desigualdades, um fator que ecoa na política e tem seus efeitos sentidos quando partidos e movimentos como AfD e PEGIDA passam a utilizar do ódio e medo gerados pela insegurança que o presente e o futuro se tornaram.

A era em que vivemos é baseada em inseguranças, onde as incertezas são grandes e os medos são múltiplos e desconhecidos. Vivemos em uma sociedade onde os vínculos de solidariedade e cooperação foram esvaziados, onde os indivíduos são cada vez mais atomizados e seduzidos pela necessidade de suprir seus prazeres através do consumo, onde a política perde seu poder e prestígio gradativamente, bem como a própria ideia de sociedade sofre um grande esvaziamento.

A questão do medo líquido tratada por Bauman (2008) nos ajuda a compreender tal fenômeno de maneira mais direta. Para o autor, o medo líquido se caracteriza como o medo do desconhecido, o não saber de onde os riscos são originados, da incapacidade do indivíduo na atualidade de compreender o movimento das forças sociais, e assim sofrer com a indeterminação, com o medo do que está por vir, medo do futuro. Logo, quando pensamos na precariedade e a insegurança que os alemães afetados pelas reformas Hartz, e aqueles que

temem em algum momento serem atingidos pela Agenda 2010, experimentam na atualidade com a flexibilização do trabalho e o fim das garantias do Welfare, podemos afirmar que naquele contexto se “produzem situações de incerteza endêmica e permanente” (BAUMAN, 2006), que, conseqüentemente, geram a busca por respostas e por segurança, as quais podem ser encontradas em um líder providencial e forte, mas, no caso alemão, muitos dos indivíduos vulneráveis e propensos ao declínio de seu modo e nível de vida buscam respostas nos partidos e movimentos populistas de extrema direita. É o que podemos observar quando nos deparamos com o fato de que os adeptos da AfD e do PEGIDA constituem um número expressivo nos estados da antiga Alemanha Oriental, onde as desigualdades são um fator determinante na vida dos alemães daquelas regiões, o que os levam à procura de ideias práticas para a solução de seus problemas (CALDIRON, 2017). É neste contexto que a política do medo ganha força e representatividade, sendo o voto de protesto um fator que impulsiona e dá força ao populismo de extrema direita na Alemanha. Pode-se afirmar que

Os eleitores da AfD são [...] cidadãos que vivem em condições moderadas de precariedade. Muitos se sentem perdidos ou ameaçados, mesmo que não possam ser chamados de pobres, sendo que os mesmos são moderadamente educados. No entanto, são cidadãos com medo de perder seu status social. A AfD atingiu entendeu o problema e ofereceu uma alternativa. "Ele construiu uma imagem reconfortante da sociedade, oferecendo a adesão a um povo e a uma nação sem ameaças externas, antes de tudo compostas de alemães nativos". [...] razões culturais, mas também socioeconômicas, levam tais grupos a votar na extrema direita. (TORTELLO apud NEUGEBUER, 2017).

Uma vez explicados os efeitos das reformas Hartz no contexto alemão e a forma como tais mudanças geram frustração e desilusão entre aqueles indivíduos mais vulneráveis a experimentar a precarização, indivíduos estes que vivem com um constante sentimento de indignação e raiva por estarem sob a ameaça de terem que ocupar um nível baixo na escala social (CALDIRON, 2017), são tais indivíduos os que absorvem os discursos de tom alarmante dos populistas de extrema direita, discursos que exaltam a superioridade de um povo único e puro, discursos onde a xenofobia e o ódio são abundantes, fazendo da questão identitária um ponto crucial na compreensão do que representam as estratégias da AfD e do PEGIDA no contexto alemão.

2.3 - A Questão Identitária

Uma vez apresentados os problemas enfrentados pela sociedade alemã, em relação ao contexto econômico e político, apresentaremos agora um fator que se relaciona com tais questões, mas se caracteriza como uma das principais ferramentas utilizadas pela AfD e pelo PEGIDA: a questão identitária. Analisamos a questão econômica e política e constatamos que há na Alemanha um intenso processo de declínio da condição e vida dos cidadãos, fruto da globalização, um processo de degradação cultural e econômica, principalmente da classe média, que gera insegurança e medo e leva a uma intensificação de discursos que respondam a tais problemas de forma simplista. Neste contexto, passaremos agora a tratar da forma como o populismo reage aos problemas advindos das profundas transformações no modo de vida das pessoas, isto é, buscaremos demonstrar como o populismo se utiliza das questões do nível e do modo de vida para sua vantagem, para reafirmar ideias de que o povo deve ser único e homogêneo, virtuoso e moralmente correto, mas que passa a perder tais características quando é atacado por corpos estranhos, por invasores, que segundo Alice Weidel, integrante e uma das lideranças da AfD, os *aliens* ou *non-people* (que são os imigrantes) descritos por ela em um e-mail de 2013, seriam uma ameaça à preservação da unidade genética e cultural alemã. (COLLIS, 2017).

Tendo em vista tal fato e a forma como a líder de um partido populista caracteriza imigrantes como uma ameaça à pureza do povo e sua unidade, analisaremos agora alguns termos que ressurgem no vocabulário de tais partidos e movimentos, um vocabulário que remete ao racismo nazista dos anos 1930 e que hoje volta a ser utilizado pela AfD e pelo PEGIDA.

Começaremos por *Überfremdung*. Trata-se de um dos termos que reaparecem nos discursos do PEGIDA e da AfD, e pode ser caracterizado como uma forma de expressar a presença do diferente dentro da sociedade. O mesmo é historicamente ligado ao nazismo, que utilizava a palavra com conotação racista para se referir aos judeus.

Na atualidade, a palavra é utilizada pelo PEGIDA para caracterizar um novo grupo na sociedade e como ferramenta para criar uma atmosfera de medo em relação aos refugiados islâmicos, ciganos e outras minorias que são vistas como invasoras (PAGNINI, 2015). Dieter Rucht (2015), analisando o início do movimento PEGIDA em 2014 na cidade de Dresden, aponta para a centralidade da questão identitária:

“[...] os militantes de Pegida pretendem ainda hoje representar a voz do povo (“Nós somos o povo”), reivindicando valores como a “Heimat” (através de slogans como “um povo, suas raízes, uma nação”), a tradição (“Montanhas de minério, terra de tradição”), a cristandade (“os cristãos de Dresden saudam Pegida”) e a identidade alemã (“A afirmação dos vínculos com o nosso país, nossa cultura e nossa identidade devem ser uma evidência e não deve ser jamais tratada com desprezo”).

A AfD também se utiliza de termos como *Überfremdung* em seus discursos, sempre com a intenção de demonstrar uma suposta inferioridade daqueles que seriam os “estrangeiros infiltrados” (STAUDENMAIER, 2017) e manifestar nos seguidores do partido sentimentos de xenofobia e ódio contra refugiados e imigrantes.

Pensando na ideia de invasão e de manutenção de um povo puro e homogêneo, temos o reaparecimento da expressão *Wir sind das Volk* (nós somos o povo). Uma expressão utilizada durante o período de revolução pacífica na Alemanha Oriental em 1989 e que volta a ser utilizada nos dias atuais como uma ideia de oposição àqueles que não são parte do *Volk* alemão, ou seja, aqueles de origem estrangeira, imigrantes e refugiados, sobretudo os de religião islâmica. Com o reaparecimento de tais expressões, fica clara a necessidade encontrada pela AfD e pelo PEGIDA da exaltação da questão identitária de enfatizar a questão de pertencimento a uma cultura e povo, a um costume e religião, caracterizando o diferente, o estrangeiro como um inimigo, um invasor, um impuro. Para compreendermos a dimensão do problema, analisaremos a ideia de não-pessoa.

Alessandro Dal Lago (1999) analisa a construção social da figura do imigrante como não-pessoa, um ser em uma condição incerta, uma condição muitas vezes de irregularidade, clandestinidade ou ilegitimidade, que corre o risco de ser retirado da sociedade a qualquer momento, inserido nos centros de detenção e identificação e, posteriormente, ser expulso do país. Dal Lago associa a imagem do imigrante à ideia de não-pessoa da seguinte forma:

Eles estão vivos, eles conduzem uma existência mais ou menos análoga àquela dos “nacionais” (...) mas contra a sua vontade, eles podem escapar da condição de pessoas individuais. Eles continuam vivos, mas não existem mais - não apenas para a sociedade em que vivem como “clandestinos”, mas também para si mesmos como indivíduos, no sentido de que sua existência atual terminará e outra diferente começará, mas eles não terão escolha em sua nova existência (DAL LAGO, 1999, p.222).

A imagem do estrangeiro é geralmente apresentada de forma negativa, sempre enfatizando sua condição de não pertencente, sendo visto como ““*extracomunitario*,” “*immigrato*,” “*clandestino*,” “*irregolare*,” categorias que nunca se referem às características

autónomas do indivíduo, mas apenas o que ele ou ela não é em relação às nossas categorias: não europeu, não nativo, não cidadão, não legal, não um de nós” (DAL LAGO, 1999, 231), ou seja, o indivíduo tratado como não-pessoa é invisível na sociedade, faz parte dela de forma ilegal, clandestina, irregular, sempre sob o risco de ser expulso, sempre sob a ameaça da incerteza e da vulnerabilidade. Neste contexto, podemos tratar do que Dal Lago (1999) chama de estado de limbo, que explica perfeitamente a questão da condição de incerteza da não-pessoa:

Um estrangeiro “ilegal” ou “ilegítimo” não existe socialmente ou existe num estado de limbo onde é tolerado ou invisível, mas a qualquer momento pode ser retirado ou feito desaparecer (...) um *imigrato clandestino* ou *irregolare* literalmente pode ser capturado a qualquer momento pelas autoridades policiais, preso indefinidamente e expulso do país, da sociedade em que ele ou ela estava vivendo (DAL LAGO, 1999, p.242).

Um fator importante que deve ser levado em consideração quando tratamos da não-pessoa é o modo como tal figura é construída socialmente. A não-pessoa é um ser sem direitos e desumanizado, que vive sob a sombra da incerteza e da vulnerabilidade, que pode ser expulso de um território ou ser mantido em uma condição precária de exploração e não reconhecimento dentro da sociedade. No entanto, a não-pessoa surge de um processo que se caracteriza como uma construção que retira a humanidade, o respeito e a condição de pessoa dos indivíduos. O processo de construção social da não-pessoa é operado por diversos atores dentro da sociedade, mas sempre com o mesmo intuito: desqualificar a figura do imigrante e do refugiado, criminalizar e desumanizar tais figuras para assim facilitar a sua dominação, encarceramento e expulsão. Neste sentido, podemos apontar como principais atores na constante desqualificação de figuras como imigrantes e refugiados a mídia e atores políticos (populistas de extrema direita).

Em relação à mídia, a forma como os meios de comunicação retratam o imigrante e o refugiado é sempre através de um constante bombardeamento de ideias e imagens, que estigmatizam e discriminam sempre de uma forma alarmista, mostrando tais figuras como ameaças, como perigosas, como criminosas que devem ser barradas. Paralelamente, atores políticos operam de forma similar na tentativa de culpabilizar e criminalizar o estrangeiro por problemas econômicos que afetam o modo e o nível de vida dos autóctones. Porém, um fator ainda mais importante para entender a forma como se dá o processo de construção da não-pessoa é a utilização da política do medo.

Os políticos populistas de extrema direita utilizam-se da imagem do estrangeiro como bode expiatório em seus discursos para alcançar consenso entre a população, mas, sobretudo, utilizam a imagem do imigrante associada a um risco para a identidade e para a pureza do povo, difundem a ideia de que aqueles que ingressam no território são perigosos, imorais, contaminam a sociedade por serem impuros, por serem, em sua grande maioria, muçulmanos e pobres e, conseqüentemente, não se adequam aos valores ocidentais de forma efetiva.

Tendo em vista tal situação e o modo como a figura do imigrante e do refugiado são constantemente associadas a um perigo, sempre expostas de maneira negativa por tais partidos e movimentos, é interessante entendermos a gravidade do problema através da questão do estigma tratado por Erving Goffman (2012), o que certamente nos dá mais clareza na compreensão do modo como a questão identitária é um fator crucial na discussão.

Para Goffman (2012), os estigmas do corpo caracterizam-se pelas deformidades físicas. Partindo da ideia de que existem corpos normais e anormais, e sendo tal ideia imposta pela força social, pode-se entender o estigma do corpo como uma maneira de colocar em evidência a anormalidade, uma suposta impureza do corpo, evidenciar um corpo que sofreu uma contaminação e que é visto como inferior. Como exemplo de tal estigma, temos o caso do economista alemão Thilo Sarrazin. Autor do polêmico livro *Deutschland schafft sich ab* (A Alemanha extingue a si mesma), Sarrazin ataca as culturas islâmicas ao afirmar que imigrantes de origem turca e muçulmana são um problema devido à sua inteligência inferior:

[...] Por um lado, designa os imigrantes turcos e muçulmanos em geral como "o coração do problema", devido à sua fraca integração e à sua enorme dependência da ajuda social. Por outro lado, ele lida com teorias de "inteligência genética" para argumentar que a maior fertilidade das classes sociais baixas e sem instrução, em particular dos imigrantes muçulmanos, reduzirá o nível médio de inteligência no país. A Alemanha "é destruída" se não mudar urgentemente as políticas de imigração, segundo Sarrazin (LUCCHINI, 2011).

O estigma do corpo pode ser identificado no fato de Sarrazin afirmar que os imigrantes, em especial os de origem muçulmana, possuem capacidade intelectual inferior em comparação a outros imigrantes que tendem a se integrar de maneira mais fácil e, conseqüentemente, não causam danos à Alemanha. A opinião de Sarrazin mostra a força social de um discurso que afirma existirem seres com nível de inteligência acima de outros, neste caso superior ao de muçulmanos.

Paralelamente, os estigmas do corpo também carregam uma ideia de contaminação, que não se limitaria apenas a um corpo impuro, anormal e perigoso, mas que na verdade

poderia se propagar, e assim impor um risco a todo o corpo social. A declaração de Sarrazin a uma revista em 2009 mostra como sua opinião é carregada da força que estigmatiza um grupo, neste caso os imigrantes de cultura islâmica, quando coloca em jogo questões controversas, dentre elas a dos imigrantes que dependem dos benefícios do Estado Social e a utilização do véu.

[...] em setembro de 2009, ele disse à revista *Lettre Internationale*: Integração requer um esforço por parte daqueles que têm que integrar. Eu não respeito quem não quer fazer esse esforço. Eu não tenho que reconhecer aqueles que vivem com ajuda pública, e negam a autoridade do Estado que os concede, não educam seus filhos e constantemente produzem mais meninas que usam véu (LUCCHINI, 2011).

O que se pode constatar é uma retórica que carrega uma discriminação e um medo de ter a cultura islâmica como um elemento característico da cultura germânica. Assim, através da inferiorização de elementos das culturas vistas como inimigas ou estranhas, cria-se o estigma das mesmas.

Para melhor compreender os problemas gerados pela estigmatização e inferiorização de determinados grupos na sociedade, podemos utilizar a obra de Wendy Brown, *Walled States, Waning Sovereignty*, onde a autora nos apresenta a questão dos muros como uma forma de proteção, como uma ferramenta para conter a invasão por corpos indesejados, criando com os muros uma fantasia de impermeabilidade e uma forma de proteção contra o terror, contra a figura do imigrante invasor, que penetra o território e ameaça os valores e a identidade nacional. Segundo Wendy Brown (2014), os muros retornam como uma forma de conter as invasões e proteger o Estado que se encontra em um permanente estado de ameaça e necessita da proteção dos muros para manter-se impenetrável. Wendy Brown sintetiza perfeitamente tal ideia:

A defesa que os muros estabelecem contra o sítio opera a fantasia da impermeabilidade em uma política psíquica na qual o inimigo é figurado como atacando, invadindo, chegando a tomar ou saquear o que legitimamente pertence ao próprio país - sua segurança, vida pacífica e próspera, seus empregos, sua riqueza, seu privilégio de Primeiro Mundo, sua existência civilizada ou valores democráticos liberais. (...) Os muros são um meio visual de restaurar esse isolamento psíquico. Eles ajudam a restaurar imagens da autossuficiência nacional e ajudam a filtrar o sofrimento ou a miséria. (BROWN, 2014, p.121)

Para exemplificar a questão de forma clara e objetiva e mostrar como se dá a construção por atores políticos da figura do imigrante como invasor e como uma não-pessoa, podemos analisar a forma como Alexander Gauland, um dos líderes da AfD, se refere ao Islã. Quando perguntado pelo entrevistador Uri Friedman se seu partido teria o mesmo sucesso sem a crise de refugiados, Gauland responde: “Temos muitas outras [causas] - democracia direta, referendos, nós não gostamos da invasão islâmica. Porém, acho que a política de “boas vindas” dos refugiados de Angela Merkel foi a principal razão do nosso sucesso” (GAULAND, 2017). A ideia de invasão está contida na resposta de Gauland, o que mostra a construção da imagem de um grupo social que é caracterizado como invasor e que por tal razão deve ser barrado. A associação do refugiado com a de um invasor islâmico é um exemplo que mostra como atores políticos e a mídia constroem a não-pessoa através da deturpação da imagem do imigrante e do refugiado.

Outros episódios de racismo e xenofobia envolvendo Alexander Gauland repercutiram na Alemanha e são exemplos de como a retórica de partidos e movimentos populistas é repleta de ódio e agressão. Um dos casos foi o ataque de Gauland à ministra Aydan Özoğuz, ex-ministra da Integração do governo de Angela Merkel e uma alemã de origem turca. Em um discurso na cidade de Eichsfeld, Gauland criticou um artigo sobre cultura alemã escrito pela ministra para o jornal *Der Tagesspiegel* dizendo: “[...] é o que uma turco-alemã diz. Convide-a para Eichsfeld e diga-lhe o que é a cultura alemã. Posteriormente, ela nunca mais voltará aqui e conseguiremos descartá-la na Anatólia, graças a Deus” (STONE, 2017).

Um episódio ainda mais emblemático de racismo foi o caso Boateng, um jogador de futebol da seleção alemã, filho de uma alemã e um ganês, Boateng foi insultado pelo deputado Alexander Gauland. O comentário feito por Gauland foi circulado pelo jornal *Frankfurter Allgemeine* contendo a seguinte afirmação: “As pessoas o acham bom como jogador de futebol, mas não querem ter Boateng como vizinho” (BBC News, 2016). O problema contido na declaração de Gauland é o fato de Boateng ser um alemão, mas carregar a diferença em seu fenótipo. Boateng não seria um indivíduo puro e normal, portanto, não deve ser respeitado enquanto um.

Podemos aqui utilizar a ideia de estigma trabalhada por Goffman como um meio de compreensão do modo como Gauland emprega em seus discursos racismo e xenofobia sem limites. O estigma da moral nos dá um panorama de como estigmatização de indivíduos, operada por Gauland, é na verdade um ataque a todas as diferentes formas de vida presentes na sociedade alemã. Goffman caracteriza o estigma da moral como “culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e

rígidas, desonestidade (...)” (GOFFMAN, 2012). Para Goffman, o estigma da moral se desenvolve a partir da ideia de que apenas uma moralidade é correta, apenas a moral de um grupo é tida como aquela que deve ser seguida e protegida, ou seja, a ideia de que existem diversas moralidades, porém, tais moralidades existindo em um mesmo espaço seria um fator gerador de conflitos entre grupos.

O estigma da moral fica claro nas declarações do político pelo fato de conter teor racista e de não reconhecimento em Boateng e em Özoguz. Boateng servir a Alemanha como jogador de futebol é aceitável, mas a partir do momento em que sai do subúrbio onde os diferentes estão segregados, e a partir do momento em que Özoguz, uma mulher e de origem estrangeira ocupa um cargo de importância e respeito no governo alemão, o racismo e a xenofobia se objetivam e mostram a verdade em relação às lideranças populistas. O discurso de Gauland tem o intuito de estigmatizar e hostilizar tais figuras, projetando-os como corpos que podem infectar a sociedade alemã com sua imoralidade, isto é, com sua diferença. Desta forma, pode-se afirmar que movimentos e partidos como a AfD e o PEGIDA produzem com seus discursos estigmas que separam aqueles que possuem uma moralidade aceitável e aqueles dos quais a moralidade, por ser diferente, devem ser mantidos à margem da sociedade.

Ademais, a questão identitária pode ser entendida a partir das mudanças e dinâmicas ocasionadas pela globalização, isto é, como a abertura dos espaços políticos, efetuados pelos fluxos econômicos e de pessoas, causam fenômenos inauditos, que segundo Galli (2014), desembocam em resistências autodefinidas como tradicionais, também em insurgências locais e em neo-comunitarismos. O autor nos explica que na contemporaneidade

[...] se assiste a uma reação por parte daqueles que rejeitam o destino da mestiçagem ou da coexistência multiétnica, que com certa dose de conflito inventam uma identidade forte o suficiente para implicar a secessão do Estado, e quase sempre novas formas de exclusão para aqueles que acabaram de chegar (GALLI, 2014, p.127).

Logo, podemos afirmar que as questões econômicas e políticas possuem influência direta com a questão identitária, sendo um dos fatores que intensifica o conflito entre as diferenças existentes dentro de um mesmo espaço social.

Tendo em vista o que foi abordado até o momento, passaremos agora a uma discussão que nos ajudará a entender o populismo e a política do medo, aspectos que envolvem a AfD e o PEGIDA, visto que ambas forças sociais utilizam das questões identitárias e das mudanças nas condições econômicas e políticas em seus discursos, slogans, redes sociais e outros meios.

2.4 - O Populismo, a Política do Medo e a Questão Securitária

Para tratar da política do medo e entender como atores populistas utilizam de tal artifício em seus discursos e interações com o público, devemos olhar para o modo como o populismo em si se estrutura, bem como entender quais as suas características e definições, para assim podermos, através da compreensão do que o populismo hoje representa como risco, entender a AfD e o PEGIDA como atores populistas no contexto alemão e europeu.

De saída, quando se pensa em populismo é importante entender que se trata de uma atitude anti-establishment e antipluralismo, que atribui ao próprio movimento e partido a qualidade de ser o único e verdadeiro representante do povo. Porém, paralelamente, o mesmo possui uma relação complicada com a democracia, muitas vezes atuando de maneira antidemocrática, mas sempre exaltando sua lealdade para com a vontade do verdadeiro e autêntico povo (MÜLLER e BERVILLE, 2016). O populismo se caracteriza, também, por seu discurso demagógico, que segundo Todorov (2012) “consiste em identificar as preocupações do maior número de pessoas e em propor, para aliviá-las, soluções fáceis de compreender, mas impossíveis de aplicar” (2012, p.157). Além de possuir como seu modo de apresentação a demagogia, em relação ao conteúdo “[...] o populista se recusa a afastar-se do aqui e agora, assim como dos indivíduos específicos; foge das abstrações, das distâncias, da duração e privilegia o concreto, o próximo, ou mesmo o imediato” (TODOROV, 2012, p.158).

É importante entendermos que o populismo reage ao pluralismo, se contrapõe aos valores vigentes na atualidade, se contrapõe, também, às lutas por reconhecimento e por direitos das minorias. Neste contexto de reação, devemos apontar para o fato de que o populismo não é uma ressurgência do fascismo e do nazismo, pelo contrário, seu sentido histórico é novo, não se trata de um renascimento de antigos utopismos, (TODOROV, 2012) mas sim uma reação a novas dinâmicas e atores, uma reação difícil de ser entendida se não observada dentro do contexto atual de globalização, multiculturalismo e movimento de pessoas.

Logo, além da importância de apontar para o fato do populismo ser qualificado como um movimento que reage a novas dinâmicas, devemos também apontar para o modo como o discurso populista se vincula a forças políticas, uma aproximação que, como Todorov (2012) nos explica, pode ser interpretada como uma anexação do movimento por tais forças. Nos dias atuais, o populismo está anexado à extrema direita.

Para abordar a extrema direita e sua relação próxima com o discurso populista, trabalharemos a partir da análise de Todorov (2012) acerca do assunto. O autor nos mostra

como os processos de mudança ocorridos a partir dos anos 1990 levaram a transformações que são sentidas na política dos dias atuais. Todorov nos explica que

Ao longo das últimas décadas, observa-se na Europa um fenômeno político novo: o fortalecimento dos partidos populistas. A transformação da paisagem política se acelerou a partir do fim da Guerra Fria, como se a vida pública de um país precisasse de um adversário que lhe servisse de contraste, e, após o desaparecimento do rival comunista, a população devesse fixar seus medos, suas inquietações ou suas rejeições em outro grupo qualquer. Serão os estrangeiros, sobretudo se forem muçulmanos, a provocar impulsos de xenofobia e islamofobia. O imigrado, personagem multiforme, veio ocupar o lugar da ameaça ideológica anterior (TODOROV, 2012, p.153).

Todorov (2012) nos explica, também, que a extrema direita não se define como anticomunista e nem pelo racismo explícito, o racismo biológico de outrora, pelo contrário, “[...] a extrema direita de hoje se define por sua prevenção xenófoba e nacionalista: tudo é culpa dos estrangeiros, daqueles que são diferentes de nós [...]”, logo, é possível afirmar que partidos populistas de extrema direita identificam um responsável por todos os males, sendo este apenas um dos efeitos do discurso populista, que também contribui para a estigmatização e marginalização de uma parte da população que “[...] se compõe daqueles que são percebidos como elementos exteriores, seja no plano administrativo – eles são estrangeiros –, seja por causa de suas características culturais – eles são estranhos [...]” (2012, p.161).

Outra característica que pode ser atribuída ao populismo é a forma como ele se utiliza do medo em seu modo de fazer política. A questão do medo pode ser associada não somente ao fator demográfico, do problema da figura do estrangeiro dentro de uma sociedade denominada pura e única, mas, sobretudo, o medo é utilizado pelo populismo para disseminar o risco do desemprego, da queda do salário, do declínio do modo e do nível de vida. O político populista:

[...] joga sistematicamente com o medo, um dos afetos humanos mais fundamentais. Recruta a maioria de seus admiradores entre as pessoas relativamente menos educadas, as quais, não conhecendo bem outros países, são contra a “Europa” e contra “a mundialização”. Seu público habitual não pertence à classe dos mais pobres, mas àquela que teme se aproximar destes, o que a faria ir ao encontro do grupo dos rejeitados, dos excluídos, dos vencidos. (TODOROV, 2012, p.160)

Um aspecto presente no discurso populista, e que nos dias atuais tornou-se realidade em países da Europa, é o retorno da ideia de uma necessidade de se construir muros, uma ideia que se proliferara como forma de proteção contra as supostas invasões de estrangeiros

indesejados. Segundo Todorov (2011), os muros erguidos na atualidade não possuem a mesma finalidade daqueles erguidos em outros períodos históricos, ou seja, perderam sua finalidade de proteger e sua função política. Os muros atuais são barreiras que buscam impedir o acesso de pessoas, daqueles que não são consumidores, são pobres, desnecessários ao capitalismo, e buscam no deslocamento para o Norte uma melhor condição de vida. Logo, "O muro anti-imigração [...] foi criado para impedir que pessoas pobres tenham acesso aos países ricos para ganhar melhores meios de subsistência e ter uma vida mais digna. Muitas vezes estes muros separam o norte do sul" (TODOROV, 2011, p.16). No entanto, a construção de muros não se limita apenas a muros físicos, isto é, na atualidade intensificam-se muros invisíveis com alta capacidade tecnológica. Segundo Todorov (2011, p.16), "mais do que em construção de muros, os estados europeus investem em mecanismos de vigilância, aviões e navios, radares e detectores de infravermelho"; controles meticulosos que, de acordo com o autor, reforçam a ideia de paredes invisíveis.

Wendy Brown (2014) nos mostra como a ideia de muros na atualidade indica uma fragilidade da capacidade do Estado Nação em garantir sua soberania e buscar na construção de muros a falsa segurança para sua população e seu território. Para a autora,

Muros significam, entre outras coisas, desejos de contenção e segurança, respondem aos poderes que a decadência da soberania política desencadeou, ou seja, o poder do capital e a violência religiosamente legitimada. São esses poderes que produzem a divisão paradoxal de soberania e barreiras (muros) em nosso tempo (BROWN, 2014, p.71).

Paralelamente, Brown (2014) também nos apresenta a ideia de que os muros são vistos como um sinônimo de segurança contra a violência do terrorismo e contra os fluxos de refugiados estrangeiros, causados pelas novas características do capital no âmbito global. Em relação a tais problemas, ela argumenta que:

[...] quase nada rivaliza com a imagem das hordas de imigrantes como um incitamento ao nacionalismo xenóforo e às demandas por um feroz protecionismo estatal em meio à globalização. Ou talvez haja agora um rival para essa posição na figura do terrorista. Se as fronteiras abertas são responsabilizadas (falsamente) pelo crescimento das populações de refugiados e imigrantes, e as fortificações fronteiriças são (falsamente) imaginadas capazes de conter essa maré, as fronteiras porosas também são comumente vistas como a barreira pela qual o terror passa despercebido. Os dois perigos, naturalmente, são frequentemente identificados na figura do árabe muçulmano (BROWN, 2014, p.68).

O fator religioso é um aspecto que, recorrentemente, aparece no discurso populista, sendo um tema sempre tratado por tal discurso como uma ameaça à segurança e identidade, sempre projetando o muçulmano como um invasor que destrói os valores ocidentais e cristãos com valores que não se encaixam no contexto Ocidental. O fator religioso torna-se um problema a partir do momento em que passa a gerar uma desestabilização na sociedade, a partir do momento em que direitos particulares passam a ser reivindicados por grupos, como direito ao culto e direito ao reconhecimento, demandas que se chocam com os valores cristãos europeus que, por sua vez, definem quem é o povo virtuoso e verdadeiro. Quando analisamos as questões que concernem religião e tudo aquilo que a ela está relacionado, constatamos que tal fator é um ponto sensível, que engloba a questão identitária e política, e é utilizada pelo discurso populista como uma das ferramentas fundamentais na disseminação de suas ideias. Casos de ataques ao islamismo são comuns no cotidiano europeu, e são, quase sempre, resultado da estigmatização dos praticantes e da religião islâmica em si.

Podemos entender a questão da estigmatização do islamismo no contexto europeu através dos estigmas da tribo, que são os de raça, de nação e religião, e que segundo Goffman (2012), podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Conseqüentemente, o estigma tribal está diretamente ligado à ideia de identidade. Uma tribo pode ser entendida como um conjunto de pessoas que dá a determinado grupo uma identidade histórica e política, ou seja, estabelece valores, instituições, formas de relacionamento e interação. Desta forma, quando algo estranho à identidade tribal passa a fazer parte da tribo, o estranhamento gerado pelo diverso naquela sociabilidade é o que resulta no estigma, que por sua vez gera insegurança, desconfiança e medo.

Exemplos do estigma tribal são abundantes, especialmente no contexto europeu, onde movimentos como o PEGIDA lutam contra a islamização do Ocidente. O problema se encontra exatamente nesta luta contra a islamização, pois para difundir suas ideias, tanto o PEGIDA quanto a AfD criam cenários onde os imigrantes pobres e refugiados são inimigos, são nada mais que parasitas que chegam a Europa para usufruir dos benefícios do Estado social (ROSATELLI, 2015).

Atualmente, na Europa, existe uma ideia de invasão que é disseminada por movimentos e partidos de extrema direita, que por sua vez utilizam as questões vinculadas à identidade nacional, mas, sobretudo, utilizam a questão da segurança interna e da constante ameaça de terrorismo para a legitimação de discursos de ódio, bem como para estigmatizar imigrantes e refugiados.

A vinculação do estigma tribal à ideia de identidade fica ainda mais clara quando analisamos os ataques aos centros de acolhimento para refugiados na Alemanha. Um dos casos ocorreu em Bautzen, onde um grupo de moradores assistiu rindo, aplaudindo e utilizando slogans racistas a um incêndio doloso, que destruiu parcialmente um centro de acolhimento para refugiados (MASTROBUONI, 2016).

A violência que emerge na Alemanha, em especial na antiga Alemanha Oriental, mostra como o discurso de ódio e medo difundido por grupos e partidos políticos possui força e leva a ações violentas como as vistas em diversas partes da Alemanha e Europa. O estigma tribal está presente nos casos de xenofobia na Alemanha pelo fato de a maioria dos imigrantes e refugiados não possuírem os valores predominantemente alemães, sobretudo, por serem seguidores da religião islâmica. Desta forma, segundo Bolaffi (2016), "(...) o ativismo de grupos neonazistas (...) se opõe a uma política de abertura e integração de estrangeiros em nome de uma defesa da "germanidade" ou de valores cristão-burgueses ameaçados, na visão de tais grupos, se opõe ao Islã dos recém-chegados". A defesa da germanidade e de valores ocidentais, bem como a questão religiosa, são pontos importantes para entender o estigma que é atribuído aos recém-chegados. Portanto, o estigma da tribo está presente no medo e na insegurança dos autóctones diante das novas formas de vida que passam a dividir o mesmo espaço social que o seu.

Podemos entender tal questão utilizando o exemplo do véu e da burca. Em muitos países da Europa, a proibição de tais símbolos utilizados por mulheres islâmicas gerou controvérsias e colocou em discussão a questão da liberdade individual. A proibição de um acessório que para praticantes daquela religião é um símbolo religioso e parte de sua identidade cultural, gera, segundo Todorov (2012), uma estigmatização da religião e de seus praticantes. A questão do véu e da burca é um debate frequentemente abordado e que demonstra a forma como o populismo se infiltra nas mais diversas questões da vida cotidiana. Porém, para termos uma visão mais ampla do que significa tal discurso e sua ressonância na sociedade, exemplificaremos tal questão com a controvérsia que envolveu um parque infantil na cidade de Berlim.

A construção de um parque infantil com o tema Ali Babá e os Quarenta Ladrões, no bairro de Neuköln, desencadeou uma série de debates sobre a questão de uma suposta islamização ocorrendo na Alemanha. O que devemos observar, a partir do exemplo, é o modo como o populismo se utiliza de situações cotidianas, acontecimentos simples e aparentemente sem importância na sociedade, mas que são utilizadas como poderosas ferramentas para difundir ideias que atingem o social e levam consigo ideias de ódio, xenofobia e medo.

O caso do parque infantil em Neuköln gerou comentários no Twitter (Figura 1). O político Carsten Ubbelohde, integrante da AfD em Berlim, escreveu em seu perfil no Twitter “Parque infantil com uma mesquita – A islamização está avançando”. A ideia de alarmismo presente no comentário de Ubbelohde nos ajuda a entender como as palavras possuem força na promoção do medo, neste caso o do avanço do islamismo na Europa, que aos poucos estaria destruindo a identidade cultural tradicional alemã.

Neste contexto, podemos adentrar a questão do multiculturalismo, que se relaciona como os problemas expostos acima, e nos discursos da AfD e do PEGIDA trata-se de um tema recorrentemente debatido. O que se observa quando analisamos a forma como o populismo de extrema direita se opõe ao multiculturalismo é uma intensificação da negação dos direitos humanos e sociais, a intensificação da repressão de identidades não desejáveis e, por conseguinte, o acirramento dos diversos conflitos sociais.

Figura 1

Islamização ou conto de fadas? O parque infantil "Ali Baba" em Berlim desperta polêmica.



Fonte: WINTER, 2017

Todorov (2012) nos explica que a questão do multiculturalismo e sua relação com o populismo de extrema direita pode ser entendido da seguinte forma:

O debate em torno do multiculturalismo, tanto quanto aquele sobre identidade nacional aparece por sua vez como um recurso para desviar a atenção de outros problemas bastante reais (sociais e econômicos), só que mais difíceis de resolver. A verdade é que, dessa maneira, obtém-se sem grandes esforços a fidelidade de uma parte da população, que encontra na pessoa dos imigrados um confortável bode expiatório (TODOROV, 2012, p.175).

Uma vez entendida a dimensão do problema apresentado até este ponto, é possível levar a discussão para o contexto das consequências geradas pela hostilização e estigmatização. Para Goffman (2012), os estigmas possuem em comum a presença do ser estranho, diferente, anormal e perigoso. Desta forma, é necessário que a diferença seja legitimada, ou seja, as forças hegemônicas devem ser os geradores da dinâmica da estigmatização, devem gerar a transformação do ser em não-pessoa. O ser estigmatizado, desprovido de sua identidade, de seus valores e de sua condição humana, torna-se uma ameaça para a sociedade. Logo, se faz necessária a legitimação da exclusão dos seres estigmatizados, bem como a legitimação dos processos de subordinação, submissão, dominação, exploração e extermínio dos anormais. Para exemplificar, a afirmação de Thilo Sarrazin ilustra perfeitamente como a visão do estigma pode gerar opiniões e discursos com consequências destrutivas.

Nós, diz ele, referindo-se à sociedade alemã como um todo, estamos inevitavelmente nos tornando menos inteligentes, pois os Muçulmanos, que Sarrazin caracteriza como não dispostos a integrar, são *aliens* e cognitivamente questionáveis, estão produzindo o maior número de crianças na Alemanha. Sarrazin magnanimamente admite que existam exceções no mundo islâmico, talvez alguns turcos inteligentes aqui e ali. Mas seus pontos de vista eliminam a questão de uma política de imigração controlada, da qual Sarrazin foi um defensor tão veemente no passado. Sarrazin disse que os muçulmanos deveriam "desaparecer". Desse ponto de vista, a integração é inimaginável, possível apenas pela morte (FOLLATH, 2010).

Sarrazin afirma que muçulmanos devem desaparecer e que a integração de alemães com tal cultura é inimaginável, possível apenas através da morte, sendo esta uma das maneiras de resolver o problema. A afirmação feita por ele é um caso extremo, mas que nos mostra como o estigma está presente na sociedade e como seus efeitos podem ser extremos.

Tendo em vista as afirmações de Sarrazin e os diversos casos que se tornaram recorrentes na sociedade alemã na atualidade, devemos nos atentar para dimensão que tal discurso toma na atualidade e a relevância que a AfD e o PEGIDA experimentam. A força das palavras, os discursos que invocam os sentimentos de ódio e medo, combinados com uma realidade cada vez mais incerta e competitiva, levam a conflitos sociais mais acirrados e violentos. AfD e PEGIDA geram, a partir de sua política do medo, uma nova forma de política, uma política que vai às ruas, que toma as praças, que permanentemente ocupa espaços públicos e afirma a identidade nestas formas de protesto. Porém, além da utilização dos espaços de protesto convencionais, estes atores se utilizam profundamente da internet

como uma ferramenta poderosa para o bombardeamento de informações, mensagens e slogans. Segundo Todorov (2012, p.160):

É a razão pela qual a internet e as redes sociais são percebidas com tanta benevolência pelos animadores dos movimentos populistas: essa difusão da informação escapa a todo controle centralizado e ao consenso democrático. É uma desforra da periferia contra o centro, do extremismo contra a moderação: a palavra privada que circula ali não tem de submeter-se às limitações que pesam sobre os discursos públicos.

A internet se torna terreno fértil para o populismo, um lugar onde rancor e raiva são condensados e os mecanismos identitários são construídos e manipulados pelos políticos de extrema direita. A web funciona como um meio eficaz e rápido de difusão do populismo de direita. É um meio onde a relação, sem mediação, entre o indivíduo e o líder populista é forte, e um meio onde a política sem partido, mas com muito povo, predomina (DEMICHELIS, 2017). Alessandro Dal Lago nos apresenta o mundo digital como uma nova forma de política, que nos dias atuais é onde as opiniões digitais são criadas e tomam o lugar da opinião pública. Para Dal Lago, a rede não é naturalmente e intrinsecamente livre e democrática, mas sim um grande aquário em que acreditamos ser possível nadar livremente, mas na realidade nadamos em um espaço controlado pelo poder que controla tal espaço, um espaço que se constituiu hoje como um grande mercado, um espaço onde o conceito de social perdeu seu significado, mas ao mesmo tempo tornou-se útil para a geração de lucro. Dal lago explica que:

O ambiente do populismo contemporâneo não é outro senão a realidade imanente e evanescente da internet [...] O povo, que na realidade material não existe, senão em convenções ou nas ficções da democracia representativa, reconstituiu-se agora em rede [...] Uma rede onde o máximo é a possibilidade de ativar a relação vertical, direta e sem mediação entre populista e pessoas, porque, escreve Dal Lago, "independentemente da profissão, da posição social e da educação os sujeitos digitais tendem a experimentar os mesmos medos, manifestar as mesmas obsessões, ser sensíveis às mesmas mensagens políticas". [...] a Internet hoje representa o verdadeiro ambiente social no qual uma alternativa à democracia representativa é trabalhada, ou melhor, é trabalhada em seu esvaziamento (DEMICHELIS, 2017 apud DAL LAGO, 2017).

Por fim, quando pensamos na AfD e no PEGIDA, e como ambos se relacionam com seus seguidores, percebemos a presença contínua da movimentação de tais atores na internet, mostrando como o novo espaço político que se constitui com a utilização da rede torna-se um mecanismo para a disseminação do ódio e do medo através do vocabulário e dos slogans que PEGIDA e AfD utilizam. No entanto, ainda mais importante que entender a formação de um

novo espaço onde o populismo de extrema direita articula suas ideias e ganha espaço dentro do contexto político de democracias bem estabelecidas, é entender a estética política que envolve o modo como tais atores apresentam suas ideias e constroem consenso entre seus seguidores. É o que analisaremos no próximo capítulo.

3 – As Manifestações Estéticas: AfD e PEGIDA e a Estética Social

Para iniciar a discussão acerca da estética adotada pela AfD e pelo PEGIDA, é necessário entender o problema da manifestação estética dos valores e ideais que o partido e o movimento representam, e expor e explicar como efetuam a comunicação com os indivíduos e cidadãos, seja nos protestos, nas ruas e praças ou no espaço da internet onde estão em constante atividade. Logo, demonstraremos através da análise da estética do partido e do movimento a forma como desenvolveram uma nova política: uma política agressiva nas palavras e nas ideias, que retorna às ruas e praças para protestar, criticando as elites culturais, os partidos e políticos tradicionais, a globalização e a migração. Todos esses aspectos são características das profundas mudanças ocorridas na política, mudanças que possibilitaram o inaudito e inesperado ganho de força e prestígio da extrema direita em um país marcado pelas tragédias e catástrofes do nazismo no século XX.

Para uma compreensão total da questão estética contida no problema desta monografia, serão analisados nos discursos do PEGIDA e da AfD os seguintes aspectos: o senso e o significado das palavras, como elas significam valores e comportamentos, como orientam as pessoas dentro da sociedade e ajudam a construir consenso eleitoral e político, como o discurso de rua e da internet tematizam uma linguagem racista e pejorativa em relação aos estrangeiros, uma linguagem de desprezo e preconceito, com substantivos e adjetivos que enfatizam questões de segurança, da identidade, do povo e da pátria invadida e assediada pelos imigrantes.

É neste sentido que a estética será abordada: buscaremos revelar o extremismo político contido nos discursos e slogans políticos do PEGIDA e da AfD para mostrar que o alarme pelo retorno de um partido com tal discurso ao parlamento alemão e a força que o movimento PEGIDA representou ao levar multidões às ruas, demonstrando o ressurgimento de patologias sociais no contexto alemão (e europeu), o que pode ser considerado fruto das novas dinâmicas e mudanças na economia e na política ocorridas nas últimas décadas.

Assim sendo, é importante entendermos o que a ideia de estética representa antes de formularmos uma análise sociológica acerca do assunto. Para tanto, utilizaremos o método de trabalho da filósofa italiana Barbara Carnevali, buscando através da dimensão reflexiva da estética social, construir nosso argumento e compreender a importância que as manifestações estéticas e o bombardeamento de informações, mensagens e slogans da política do medo tiveram na sociedade alemã.

A estética social pode ser entendida como uma representação das sensações e das percepções sensíveis, pelo modo como as representações no social estão sempre inseridas na aparência sensível da realidade e pelo modo como uma forma de comunicação é estabelecida através da aparência social. De acordo com Carnevali (2012), a estética social é virtualmente privada de fronteiras, dado que todo aspecto da vida comum pode ser estudado por ela. Ademais, a estética social busca o seu material em todo ângulo visível do mundo social, em cada parte da aparência ordinária, não apenas no senso cotidiano e comum, mas também naquilo que é banal e vulgar. Para a autora, a análise das manifestações mais superficiais é de extrema importância, uma vez que formas de identidade, expressões, formas de comunicação e relacionamento são consideradas estéticas. Logo,

[...] um fenômeno social deve ser considerado social em um sentido estético: não conta por sua natureza material e quantificável [...] mas por sua natureza imaterial e qualitativa. A estética social é o ponto de convergência em que a estética se torna um problema social, prestando-se a uma análise baseada nos conceitos de vínculo, meio, mundo, de exposição e publicidade; e a sociedade torna-se um problema estético, oferecendo-se à análise em sua consistência sensível - cores, sons, cheiros, gostos, sensações táteis - e em suas configurações formais: fórmulas, códigos, estilos, maneiras (CARNEVALI, 2012, p. 144).

Carnevali (2012, p.145) trata da importância da estética em um contexto em que a mesma é considerada apenas uma dimensão decorativa, fútil, um luxo, vista como fruto do privilégio e do ócio, onde aquele que a pratica possui uma atitude egoísta, antissocial e imoral. Além disso, a estética é vista também como “um princípio de alienação, que inverte as hierarquias entre aparência e realidade, escondendo a substância autêntica do mundo social”. No entanto, a autora nos mostra uma realidade diferente, acentuando a importância cognitiva da estética como um modo de ser de um determinado ator e grupo social, com sua própria lógica e controle sobre a psique humana, e com a capacidade de explicar a eficácia e efeitos do poder. De acordo com a autora,

[...] o único caminho a seguir para entender um fenômeno estético-social é enfrentá-lo a partir de seus próprios princípios: questionar os sentidos, as formas, o gosto, empregando o arsenal de ferramentas conceituais e analíticas que a filosofia da percepção e da arte nos oferece (CARNEVALI, 2012, p.151).

Carnevali (2012) nos apresenta a questão da estetização da política, um ponto importante para entendermos as manifestações públicas dos líderes e partidários da AfD e do PEGIDA (seus valores, suas representações, suas identidades, seus estilos, suas formas de

avaliação do prestígio e do poder), e, também, para a compreensão do modo como atores políticos se apresentam publicamente na sociedade. Segundo a autora, a estetização da política pode ser caracterizada como “[...] a maneira mais eficaz de cultivar o sensorial, que é a base de toda unidade e de todo consenso: o terreno no qual os costumes coletivos são desenvolvidos e a identidade política é formada” (CARNEVALI, 2012, p.88). Neste mesmo contexto temos a publicidade, apresentada como potente manipulador estético do sensível social. Para Carnevali (2012, p.76),

[...] o publicitário é um manipulador da percepção coletiva: um comunicador, claro, mas antes de tudo um artista, um técnico estético que molda a figura social, elaborando procedimentos para dar melhor visibilidade, focar a atenção, colocar as coisas na melhor luz.

O contexto onde a manipulação da publicidade e da política possui um papel central é também o contexto no qual o poder e o prestígio possuem forte influência. Segundo Carnevali (2012, p.100), a aparência é um dos pilares para a realização do poder: “[...] eles moldam o mundo que existe ao nosso redor, atraem a esfera pública, estabelecem e representam as hierarquias da ordem simbólica e, finalmente, exercitam a capacidade ilusionista, o prestígio, atuando através da percepção social”. A ideia de prestígio é de grande relevância para a compreensão das questões estéticas. Logo, Carnevali (2012, p.104) explica o prestígio como:

[...] uma forma de poder por conta de sua energia psicológica, sua capacidade de influenciar os estados internos e o comportamento das pessoas através de uma forma de coerção "doce". [...] O senso comum, por sua vez, fala de *sedução*. O prestígio se-duz, leva irresistivelmente para si mesmo graças à sua força de atração, despertando formas de reverência e imitação [...].

É possível tratar da ideia de estilo apresentado por Carnevali como um fator que “[...] permite a uma identidade ser reconhecida e de se fazer notar, atraindo atenção e tornando-se memorável: quanto mais estilo uma personagem possui, melhor será a eficácia de sua comunicação” (2012, p.166). Ademais, o estilo classifica, separa e diferencia em virtude da forma, funcionando como um dispositivo de hierarquização (2012, p.166). Em suma, o estilo é

[...] o dispositivo da normatividade estética através do qual uma constelação de aparências, que corresponde a uma identidade social e adquiriu certa configuração formal, situa-se numa relação de interdependência hierárquica com outras formas dentro de um sistema (CARNEVALI, 2012, p.168).

Além da importância do estilo, Carnevali (2012) trata da importância da moda, apresentando o assunto como um fenômeno puramente social, que funciona como uma ferramenta capaz de distinguir um indivíduo na massa, como um meio de comunicação e de causar impacto. Tal ideia se relaciona com a de mimese no sentido de que, assim como o esnobismo, a moda se utiliza do modo como um indivíduo se apresenta no espaço público e, soma à figura do indivíduo valores que o transformam em um modelo de prestígio, que passa a ser aumentado e irradiado.

Logo, é importante compreender que para a autora, diversos são os aspectos que a estética deve abordar: "Todas as imagens, não apenas imagens visuais, mas também aquelas construídas através de diferentes mediações estéticas, como voz e audição [...] são formas de existência na aparência, na objetividade do sensível social fatalmente destinado a alienação" (CANEVALI, 2012, p.44), mas, sobretudo,

A análise estética do social não pode, portanto, consistir em uma simples explicação de conteúdos, que zera as aparências para voltar ao seu sentido ideal, mas num delicado trabalho de tradução do sensível para o conceito: o pensamento tenta transpor no modo de mediação discursiva que fenômenos sociais se comunicam no modo de aparência, sem nunca esquecer que esta tradução só pode ser uma *metabasis eis allo genos* (CARNEVALI, 2012, p.69).

Uma vez definida a estética social, utilizaremos tal ideia para a análise das manifestações políticas da AfD e do PEGIDA, no intuito de demonstrar como a questão estética é de extrema importância, não apenas para a construção do marketing político, como, também, na batalha cultural e política para obter a hegemonia. Logo, analisaremos na forma e no conteúdo das manifestações estéticas e políticas, a utilização de determinadas palavras e imagens contidas nos cartazes, nos panfletos, nos slogans, nos banners. Utilizaremos imagens postadas nas redes sociais (Instagram, Facebook e Twitter) e artigos de sites de notícias de jornais e agências de notícias (Reuters, Deutsche Welle, Il Manifesto, Il Fatto Quotidiano, entre outros) para exemplificar, de maneira clara e objetiva, a forma como o problema se dá a partir de sua dimensão estética e política.

O primeiro ponto a ser abordado na investigação será a questão da vinculação de imigrantes e refugiados com a violência e a criminalidade, uma prática comum nas plataformas digitais utilizadas pela AfD e pelo PEGIDA. As Figuras 2, 3 e 4, retiradas do

perfil oficial da AfD no Instagram, mostram a forma como a violência e a criminalidade são atribuídas a grupos específicos: refugiados, imigrantes e requerentes de asilo:

Figura 2

Refugiados trazem a criminalidade na cidade. Mais de 17000 delitos cometidos por “imigrantes suspeitos” somente em Berlim. Nós exigimos: Deportação imediata de todo estrangeiro criminoso!



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2018

Figura 3

Imigrante criminoso não deve ser vigiado – Mas sim deportado!



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2018

Figura 4

Bom dia, Alemanha! Os meios de comunicação exultam muito cedo. Novas estatísticas de criminalidade indicam: a criminalidade dos estrangeiros é assustadoramente alta!



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2018

As figuras mostram como a linguagem utilizada pelo partido para se referir aos imigrantes e refugiados possui um elevado tom alarmista e catastrófico, e que se caracteriza pela constante repetição de palavras depreciativas (por exemplo, *Kriminelle* ou *Ausländerkriminalität* - criminosos e estrangeiros criminosos) e da necessidade de expulsão/deportação (*abschieben*) daqueles que supostamente são a causa da criminalidade e da transformação radical do modo de vida.

Para entendermos o problema exposto nas figuras de maneira mais aprofundada, é possível associarmos a ideia de não-pessoa àquilo que as imagens expõem. A definição de Dal Lago (1999, p.231) para a figura da não-pessoa é importante por se tratar de “uma pessoa que por razões políticas ou ideológicas é removida do reconhecimento e consideração”. Ao apresentar a ideia de não-pessoa, Dal Lago utiliza em sua explicação o processo de neutralização do indivíduo, que se caracteriza como o processo de transformação do mesmo na não-pessoa. A ideia de neutralização está diretamente ligada à ideia de destruição, porém, não se trata necessariamente de uma destruição física, mas sim de uma destruição no sentido de desumanizar. Para o autor,

Os procedimentos de neutralização são organizados por temas: podem ser o produto de estratégias deliberadas ou circunstâncias "objetivas", mas operantes em termos de uma mudança implícita de significado. Esse processo é realizado através da categorização, abstração, amplificação e reestruturação cognitiva que não silenciam o processo de destruição, mas nos

permite falar sobre esses processos em termos que são literalmente despersonalizados (DAL LAGO, 1999, p.228).

Dal Lago (1999) afirma que a ideia de neutralização tem na linguagem política sua mais poderosa ferramenta, funcionando como uma das formas mais comuns de anular um ser humano através do discurso, invisibilizando sua condição humana e tratando-o como uma não-pessoa:

Graças aos procedimentos de neutralização da comunicação, centenas de milhares de militares e civis foram "eliminados" ou "removidos" como se constituíssem um problema puramente teórico, uma categoria cognitiva residual. Essas práticas de eliminação física e repressão linguística dificilmente se limitam à esfera da guerra. Eles também são evidentes em casos de execuções, mortes acidentais, procedimentos policiais de emergência e práticas extremas nas prisões. Eles são usados em uma vasta área social adjacente - menos sangrenta e truculenta, mas igualmente difusa - sem que fosse problemático demais tratar os seres humanos como pessoas, seja em termos de ações ou em termos legais e cognitivos. Este é o espaço moral e social da não-pessoa, os seres humanos que conhecemos intuitivamente são indivíduos como nós (seres humanos vivos com uma personalidade social e cultural), mas cuja qualificação como pessoa e seus atributos relativos foram revogados em uma palavra ou ação, explícita ou implicitamente, em transações ordinárias ou em linguagem pública (DAL LAGO, 1999, p.230).

É neste contexto, onde a imagem da não-pessoa é anulada e neutralizada através das palavras e imagens, que podemos apresentar e aprofundar a ideia de discurso de ódio. A linguagem da extrema direita pode ser considerada como *hate speech* (discurso de ódio), uma vez que é linguagem comum utilizada por partidos e movimentos como a AfD e o PEGIDA. O *Hate speech* pode ser entendido como “expressões de incitamento à violência, à discriminação e ao medo, que enfatizam e difundem preconceitos em relação a pessoas e grupos com base em características étnicas, de gênero, orientação sexual e religião” (BELLUATI, GENETTI, 2017). Como apontou o linguista italiano Tullio de Mauro (2016), “são termos odiosos que provocam dor por serem depreciativos por natureza”, que criam estereótipos negativos e insultos.

Além disso, *hate speech* deve ser visto como um problema social fundamental pelo fato de que, através de sua difusão, os atores políticos obtêm um rápido consenso popular, porém, sempre através de uma retórica demagógica, manipuladora e que foge do *politically correct*, tendo como resultado diversos efeitos negativos na sociedade: a proliferação da xenofobia, o “retorno” do racismo, a agressividade verbal e física no cotidiano, as ações violentas contra pessoas que trazem no corpo a marca do estigma de ser outro. O discurso de

ódio, além de ser um problema por aquilo que representa, enquanto forma de comunicação que ataca minorias e difunde medo e ódio, é um discurso que produz efeitos de difícil reversão e difíceis de controlar, já que o mesmo é um discurso predominantemente utilizado no ambiente da internet e das mídias sociais, um espaço onde sanções ainda são aplicadas com dificuldade (BELLUATI e GENETTI, 2017).

É através da utilização de termos depreciativos que lideranças da AfD e PEGIDA fomentam o ódio e a discriminação, utilizando-se principalmente das mídias sociais. Um exemplo claro para tratar da forma como as lideranças políticas de extrema direita se utilizam desta linguagem é o caso que envolve os tweets de Beatrix von Storch. Assim como outros líderes da AfD, a parlamentar se utiliza de *hate words* em suas postagens em mídias sociais.

Uma postagem feita em árabe (e em outras línguas) pela polícia do Estado da Renânia do Norte-Vestfália recebeu uma veemente crítica da parlamentar alemã. Em sua conta no Twitter, von Storch publicou o seguinte: "Que diabos está acontecendo neste país? Por que o site oficial da polícia publica um tweet em árabe? Eles acreditam que as hordas de muçulmanos estupradores bárbaros vão se acalmar dessa maneira? "(IL FATTO QUOTIDIANO, 2018). As palavras no tweet de von Storch e nas Figuras 2, 3 e 4 mostram de forma objetiva aquilo que Alessandro Dal Lago (1999) nos apresenta com a ideia de não-pessoa, a imagem de um indivíduo ou grupo que algumas forças políticas desqualificam em seus discursos, sempre associando a figura do estrangeiro ao criminoso, ao bárbaro, ao clandestino.

Ademais, as palavras utilizadas pela parlamentar são palavras utilizadas para ferir, o que Tullio De Mauro classifica como "as palavras para ferir são aquelas que funcionam tipicamente como derogatory words [...] palavras de valor predominantemente neutro, mas que possuem significados depreciativos e são, portanto, excelentes insultos (DE MAURO, 2016). No caso do tweet de von Storch, a questão religiosa é utilizada (muçulmano estuprador), e é possível perceber como a associação do muçulmano com a de um estuprador é uma forma de discurso que busca a estigmatização de um grupo, que busca transformar a figura do imigrante ou refugiado em um perigo para toda a sociedade alemã.

Quando pensamos e observamos a linguagem (imagens e palavras) utilizadas por tais atores políticos, nota-se que, com frequência, a linguagem utilizada é simples e direta:

Figura 5

CORRER. Somente com o spray de pimenta, curso de defesa pessoal e nunca sozinha! Em qual estado você se sente perfeitamente bem?



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2017

Figura 6

Crimes sexuais cometidos por requerentes de asilo. Diariamente na Alemanha: 43 vítimas de violência sexual cometidas por “refugiados”!



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bayern) – 2017

Quando pensamos na questão estética apresentada por Barbara Carnevali (2012) e observamos o modo como a AfD se comunica com seus seguidores/eleitores, percebemos que o tom alarmista está sempre presente. Porém, ainda mais importante é observar o modo como a política do medo está associada com as práticas cotidianas das pessoas.

As Figuras 5 e 6 são exemplos claros de como a questão securitária é onipresente, e como pode ser manifestada em diferentes formas e com as mais diversas situações do mundo da vida. Por exemplo, na Figura 5, a atividade de correr é retratada no corpo feminino, que veste roupas esportivas (que, ademais, ressaltam as formas físicas da mulher e a liberdade conquistada no Ocidente de usar a roupa que deseje) que, fora da cidade, no campo, parece estar olhando qual caminho deve seguir. O cabelo esvoaçante (uma sutil diferença entre as mulheres ocidentais e as muçulmanas que vestem chador ou burca, que não mostram o cabelo em público, que não andam sozinhas), da cabeça em estado de atenção que está diretamente associado com a palavra correr, escrita em letra maiúscula, e com o sangue na primeira vogal. A mensagem é clara: uma alemã não pode sair sozinha para correr sem sofrer abusos sexuais ou ser violentada por um estrangeiro. Na mesma figura, é levantada a questão da segurança das mulheres em relação à violência que agora estaria presente na Alemanha e que seria a causa de mulheres terem de correr levando “spray de pimenta, com noções e autodefesa e nunca sozinhas”. O questionamento levantado com a pergunta *joggen in einem Land, in dem du gut und gerne lebst?* (correr em um país onde se vive bem?), nos mostra a maneira como tais atores se utilizam de uma linguagem simples, mas eficiente no que pretende atingir.

A Figura 6 explora diretamente a temática do medo, com uma imagem que causa um estímulo negativo nas emoções, ao relacionar com a figura do refugiado (*Flüchtlinge*) e do requerente de asilo (*Asylbewerber*) com o aumento da violência sexual. A face da mulher alemã sendo sufocada pela mão de um “refugiado”, seus olhos aterrorizados pela violência em curso e pela que está por vir possui uma forte mensagem política: não somente o corpo da mulher está sendo violentado, mas também o da pátria. Desta forma, podemos aprofundar a discussão sobre a política do medo através das observações de Tzvetan Todorov (2012) acerca do populismo, um dos três inimigos íntimos da democracia. O autor trata da questão do medo e de como tal sentimento é manipulado por atores políticos. Existe, segundo Todorov (2012, p.153), a ideia de que “a população devesse fixar seus medos, suas inquietações ou suas rejeições em outro grupo qualquer” como forma de sedimentar o estigma que o discurso dos mesmos dissemina. Porém, o que é ainda mais importante notar é que não somente evocando o medo do desemprego e da queda no nível de vida e as transformações no modo de vida que a AfD e o PEGIDA conseguem consenso, pois praticam um modo de pensar e agir que “[...] não são escolhidos em função das necessidades vitais da população. Mas com o intuito de atrair a simpatia de certos eleitores” e, através da forma como lidam com o medo, construir um cenário onde se projeta “[...] na pessoa dos imigrados um confortável bode expiatório” (TODOROV, 2012, p.175).

A questão securitária vai mais além. A linguagem populista que gera o estigma de um grupo é comumente empregada, não apenas para gerar alarme em relação ao perigo do aumento da criminalidade que supostamente possui ligação com o aumento da entrada de estrangeiros no território, mas também se utiliza do perigo iminente do terrorismo para disseminar o medo na sociedade. Marc Augé (2013) nos apresenta a ideia de que, na atualidade, o terrorismo passa a ser uma ideia globalizada e assume a forma de uma esquizofrenia coletiva. Para o autor, vivemos em um regime de medo, no qual o terror e o pânico de alguns se tornam um motivo de preocupação para todos. O terrorismo, de acordo com Augé (2013), é um dos medos do nosso tempo histórico, que levanta uma ideia de necessidade de proteção contra as “infiltrações” que ameaçam a sociedade de maneira silenciosa e que nos faz viver em ambientes cada vez mais vigiados.

Paralelamente, o autor nos mostra que muitos fenômenos sociais na atualidade são frutos da ignorância e seus medos, e por tal razão, tornam-se cada vez mais assustadores. Segundo ele, “Nada é mais formidável do que o medo nascido da ignorância”, sendo tal medo utilizado por políticos para “[...] formar suas provocações e empurrar para seus inimigos a culpa. Estamos cientes deste jogo, que acontece em todo planeta, e estamos certos em temer seus efeitos” (AUGÉ, 2013, p.70). Augé também nos mostra o papel da mídia na tarefa de fomentar a presença do medo na sociedade na atualidade. Para Augé,

Quando as várias imagens apresentadas sucessivamente e sem transição pela televisão e, em menor escala, as notícias veiculadas nos rádios ou nas colunas de jornais lhes impõem uma contiguidade de fato, elas criam a possibilidade de uma ficção onde a imaginação tem todas as oportunidades de aproveitá-la para se entregar aos prazeres ambivalentes e ambíguos da expectativa, do medo ou da especulação intelectual. Esta ficção global é em si um evento (AUGÉ, 2013, p.89).

Na Figura 7 a ideia de islamitas perigosos (*gefährlicher Islamisten*) associada à figura de homens com roupas e características físicas próprias de pessoas da religião islâmica (turbante e barba) e a bomba que aparece no turbante em uma das figuras da ilustração, evidencia a utilização da imagem e das palavras como forma de depreciar a figura do imigrante ou refugiado muçulmano. Já a figura 8 associa o islamismo aos ataques terroristas ocorridos em diferentes partes do continente europeu, afirmando que o islamismo estrangula a Europa (*hat Europa im Würgegriff*), sendo o intuito de tais afirmações fomentar a preocupação em relação ao terrorismo.

Figura 7

Não confiar - mas deportar!



Fonte: Página da AfD no Facebook – 2018

Figura 8

Pânico de massa em Londres - Obstáculos de concreto nas ruas da Alemanha: O islamismo estrangula a Europa



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2017

Nos dois cartazes da AfD, o tema da identidade e da segurança formam uma única questão política: fim do acolhimento dos estrangeiros, especialmente dos muçulmanos e imediata deportação. A utilização do medo de novos atentados, como aqueles que ocorreram

em Londres, expõe na figura dos muçulmanos uma inata propensão ao uso da violência. Com relação aos muçulmanos e o suposto risco que tal grupo representa na forma como Beatrix von Storch trata da questão da entrada de possíveis terroristas na Alemanha, ao afirmar que existe “Uma ligação clara entre o desenvolvimento das comunidades islâmicas fechadas em paralelo ao resto da sociedade e o terrorismo islâmico” (ANGELI, 2017), ela cita dados estatísticos para ressaltar o risco que a Alemanha corre ao permitir a entrada de possíveis terroristas em seu território.

Nos últimos tempos, mais de um milhão de migrantes chegaram à Alemanha. Os serviços secretos dos EUA dizem que apenas 1 ou 2% deles podem ser radicalizados. Estas não são apenas números. De acordo com estas estimativas, dos 1,5 milhões de migrantes que entraram na Alemanha, entre 15.000 e 30.000 seriam potenciais terroristas. A Alemanha não pode permitir tal risco (ANGELI, 2017).

Paralelamente, outros problemas podem ser apontados em relação ao modo como a AfD se comunica com seu público. A Figura 9 demonstra o modo como o medo é manipulado pelo populismo de extrema direita com o intuito de construir o estigma de um determinado grupo social. A ilustração choca e amedronta pelo fato de mostrar um ato violento e, ao mesmo tempo, enfatizar no texto que acompanha a imagem o fato de que a violência é praticada por um esfaqueador afegão (*afghane ersticht*).

Figura 9

Nenhum dia ser horror: afegão esfaqueia jovem de 17 anos em Flensburg



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2018

A questão securitária está presente nas figuras apresentadas de forma explícita, evidenciando o teor de um discurso carregado de ódio (*hate words*), e na constante formação de um consenso que coloca um grupo específico existente na sociedade como uma ameaça permanente.

A expressão "nenhum dia sem horror" funciona para demarcar temporalmente a destruição da ordem social harmônica do passado sem a figura do estrangeiro, ou, ao menos, sem a sua visibilidade, e a realidade hodierna na qual o horror está sempre presente. A mensagem e o cartaz trazem outra mensagem oculta: a culpa das elites políticas pelo ingresso de imigrantes que abusam da estada na Alemanha e violentam as mulheres alemãs. O discurso de ódio não se restringe apenas às questões securitárias. Outros fatores que são fundamentais para o entendimento do problema (em sua dimensão estética) são recorrentemente utilizados nos discursos da AfD e do PEGIDA. Logo, analisaremos a abordagem da questão econômica e identitária nos discursos de ambos, para assim demonstrar como as palavras (de ódio) e imagens utilizadas por tais atores atingem diversos campos da vida cotidiana, ou seja, a comunicação de tais atores se utiliza de artifícios que causam frustração, medo e indignação no modo como abordam determinadas questões.

A questão econômica é fundamental para entendermos o problema que o populismo de extrema direita representa hoje na Alemanha. Por ser um problema que afeta de maneira direta a vida das pessoas, a queda no nível de vida e as modificações culturais no modo de vida, em especial a da classe média, se transforma em uma ferramenta poderosa para a formação de vínculo entre aqueles que sofrem com as consequências da abertura econômica e das mudanças políticas ocorridas na sociedade alemã.

A linguagem utilizada pela extrema direita populista, uma linguagem vulgar, comum e de fácil entendimento, permite o contato direto com o povo e gera a identificação imediata entre aqueles frustrados e enraivecidos com suas condições, ou seja, aqueles que encontram respostas no discurso populista, que se identificam com o discurso de reação de grupos como a AfD e o PEGIDA.

A queda no nível de vida e o impacto causado pelos novos valores e comportamentos dos imigrantes no modo de vida dos alemães, decorrente das mudanças econômicas ocorridas nas últimas décadas, bem como do avanço da globalização que transformou o capitalismo e o lançou a um novo estágio, são alguns dos fenômenos que podem ser atribuídos como causas para o problema aqui apresentado. Deste modo, a AfD e o PEGIDA reagem a tais mudanças transformando a presença de estrangeiros (imigrantes e refugiados) em um fator central no que tange ao declínio da condição de vida dos autóctones.

As Figuras 10, 11 e 12 demonstram a forma como a questão econômica é abordada. Novamente, as imagens utilizadas funcionam como uma ferramenta para vitimizar aqueles que sofrem com os problemas acarretados pelas mudanças econômicas (por exemplo, as leis Hartz), e canalizar para a imigração as frustrações e ressentimentos gerados por tal cenário. Na Figura 10, a ideia é de que a imigração desenfreada (*ansturm von Migranten*) seja a causa do aumento de alemães, que passam a depender cada vez mais de ajuda social e experimentam a degradação de seu nível de vida. A linguagem da Figura 11 é mais direta e efetiva em sua tentativa de disseminar o risco de pobreza a qual estão submetidos os alemães.

A ideia de que um quinto dos alemães estão ameaçados pela pobreza (*Jeder fünfte Deutsch von Armut bedrot* – Figura 11) é um claro exemplo de como a questão econômica é utilizada na comunicação com o público para conseguir consenso, mas, sobretudo, a imagem tenta mostrar o elevado risco da pobreza de forma objetiva, alimentando o medo e a os sentimentos de raiva e frustração. Na Figura 12, a linguagem utilizada ataca diretamente um grupo (refugiados sírios – Syrer), projetando em tal grupo a ideia de culpa pelo fato de sírios receberem ajuda estatal que outrora era apenas destinada a alemães.

Figura 10

Depressão, pressões, nenhum respeito. A chegada dos imigrantes modifica a Alemanha. A voracidade da situação determina puxar os freios. Onde chegará a Alemanha?!



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2018

Figura 11

Um quinto dos alemães estão ameaçados pela pobreza. Queremos o que é correto e justo.



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2016

Figura 12

Um décimo dos beneficiários da Hartz IV é Sírio. Parar com a imigração para o Estado Social!



Fonte: Página da AfD no Facebook – 2018

Quando pensamos na criação política do estigma em relação ao estrangeiro (imigrante ou refugiado) não podemos esquecer que a linguagem de ódio do populismo de extrema direita também ataca as elites políticas tradicionais, deslegitimando os partidos políticos e associando-os como culpados pelos problemas presentes na sociedade.

A antipolítica presente no discurso populista é constantemente apresentada das mais diversas maneiras, seja na forma de oposição às elites políticas, econômicas e culturais, ou através da oposição às mudanças ocorridas com o multiculturalismo e a globalização. É neste contexto que podemos levantar a questão de como a política sofreu uma mutação nas últimas décadas e como tal mutação se reflete no discurso da extrema direita populista, que se torna cada vez mais agressivo, crítico e vulgar. Podemos associar essa mutação na política à mudança nos indivíduos que constituem as lideranças dos partidos e movimentos de extrema direita. Segundo Giuseppe Antonelli (2017), as mudanças ocorridas nas últimas décadas fizeram com que a política tradicional fosse substituída pela política de *storytelling*, isto é, a política que se ancora na narração, nos sentimentos, nas emoções e nos logotipos.

Para Antonelli (2017), a política de narração proporciona, aos atores políticos, envolvimento emotivo com os eleitores, bem como a manipulação dos sentimentos e emoções dos mesmos. Além disso, o *storytelling* transforma o elemento fundamental, que outrora fora a argumentação, e implanta em seu lugar o discurso movido por emoções.

Além disso, a nova política se caracteriza por sua forte utilização da internet e das redes sociais. Segundo Paul Virílio (2012), vivemos uma transição da democracia da opinião para a democracia da emoção, onde o medo se torna ubíquo e um elemento constitutivo da vida cotidiana. Virilio (2012, p.31) nos explica que “Com os fenômenos da interação instantânea, que agora é nosso destino, tem havido uma verdadeira inversão, desestabilizando a relação das interações humanas e o tempo reservado à reflexão, em favor das respostas condicionadas produzidas pela emoção”, o que de certa forma caracteriza a mutação que a política sofre ao ser sobreposta por uma política que cada vez mais se ancora em sentimentos e emoções e que abandona a argumentação e a razão.

Tal cenário nos possibilita utilizar a ideia de emologismos que Giuseppe Antonelli (2017) investigou na linguagem populista. Trata-se de um conceito que nos auxilia no entendimento da estética por se tratar de símbolos, palavras e frases que funcionam como emoticon e emoji, e que transformam os discursos políticos, através do novo sentido que dá a eles. De acordo com o autor, os emologismos podem ser compreendidos como "Uma linguagem elementar, refratária ao raciocínio [...] Uma linguagem infantil, que – através da renúncia de uma interpretação da complexidade do mundo – simplifica a mesma em uma série de desenhos estilizados" (ANTONELLI, 2017).

Tendo em vista o modo como a política da narração (*storytelling*) funciona e como os emologismos transformam-se em ferramentas poderosas no discurso político de partidos e

movimentos de extrema direita, podemos agora apresentar exemplos de como a linguagem populista se utiliza desses elementos no cotidiano.

O slogan *für ein Deutschland, in dem wir gut und gern leben* (para uma Alemanha onde se vive bem e feliz), utilizado pelo partido de Angela Merkel (CDU – Christlich Demokratische Union Deutschlands) na campanha eleitoral de 2017, é constantemente utilizado na comunicação da AfD com seus eleitores, porém sempre de forma irônica, aparecendo em forma de questionamento e sendo relacionado aos diversos problemas sociais atribuídos ao partido da chanceler. O slogan aparece na Figura 17, bem como em diversas postagens nas redes sociais da AfD, mostrando como a linguagem política do partido associa o slogan aos mais diversos problemas contidos na sociedade, fazendo do mesmo um emologismo, no sentido de que é uma frase que passa a ser utilizada para expressar raiva, medo e desprezo, através da manipulação dos sentimentos e emoções que, em conjunto com as imagens, é direcionada ao público.

Outros emologismos nos ajudam a entender a questão da utilização dos mesmos na linguagem da AfD. Por exemplo, a frase *Merkel muss weg!* (Merkel tem que ir) na Figura 13, e a mesma ideia na Figura 14, expressam a mutação ocorrida na política nas últimas décadas, onde a figura do político tradicional dá lugar à figura do político populista.

Figura 13

No exterior também é dito: "Merkel vá embora"



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2016

Figura 14

“Schulz (líder do SPD) se foi: Angela Merkel deve segui-lo!”



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2018

Antonelli (2017) nos ajuda a compreender tal questão de forma aprofundada quando fala dos paradigmas da superioridade e da cópia mimética. O autor explica a mudança no modo como os atores políticos se comunicam com seu público da seguinte forma:

Se antes pretendia impressionar o público através de sua superioridade cultural, a partir de agora, formas de expressão extremamente simples são preferidas. O objetivo é comunicar franqueza, sinceridade e honestidade, ativando nos eleitores um mecanismo de projeção muito eficaz para o crescimento do consenso. Do "Vote em mim pois eu falo melhor (e portanto eu sei mais) que você" passou-se para "Vote em mim pois eu falo (mal) como você". Daí a transição do velho “politichese” para um “gentese” feito de palavras triviais, cada vez mais de slogans e erros (ANTONELLI, 2017).

É, portanto, através da linguagem simples, do contato direto de uma figura supostamente igual, bem como da vulgaridade e infantilidade na linguagem, que a política da narração ataca a política tradicional e as figuras que a representam, como é o caso da Chanceler Merkel. Ainda segundo Antonelli (2017), os emologismos expressam, também, ideais de ódio e desprezo. Quando pensamos na questão identitária e na constante reafirmação dos valores germânicos e de um povo alemão puro e único, é possível demonstrar como tais ideias são recorrentemente presentes nos discursos do PEGIDA e da AfD. Nas Figuras 15 e 16 a frase/logotipo (no canto inferior esquerdo na Figura 16) *der Islam gehört nicht zu Deutschland* (O Islã não pertence à Alemanha) mostra como a questão identitária é manipulada através da negação da existência do islamismo na Alemanha e de uma constante

ideia de islamização do ocidente. Logo, a repetida utilização da frase/slogan nas mais diversas postagens nas redes sociais ajuda a criar o consenso entre os eleitores e seguidores do PEGIDA e da AfD e, em conjunto com as imagens – que em sua maioria carregam uma ideia de reação – mostram como tais representações ocupam papel importante na comunicação.

Figura 15

Defender a cultura e a tradição alemã! O Islã não pertence à Alemanha!



Fonte: Página da AfD no Facebook – 2017

Figura 16

Schäuble: "Precisamos aceitar um número crescente de muçulmanos". A Alemanha deve permanecer livre e cristã. Nós não aceitamos a importação do Islã.



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2018

Emologismos relacionados à questão identitária estão presentes, também, no discurso de rua do PEGIDA. Um dos aspectos que o caracteriza é o fato de ser um movimento que vai ao espaço público, que retorna à rua e à praça para protestar. O protesto do PEGIDA (e da AfD) é alimentado principalmente pela afirmação da identidade, operando uma constante contraposição ao multiculturalismo e seus valores. Neste contexto, para demonstrar como o PEGIDA aborda a questão identitária em seus discursos, utilizaremos o slogan *Wir sind das Volk* (nós somos o povo). O slogan, fortemente utilizado no período da revolução pacífica na Alemanha Oriental, tornou-se um símbolo do período. No contexto de reunificação da Alemanha

[...] o 'Volk' era identificado com uma conotação claramente positiva, para todas as pessoas que não estavam envolvidas no exercício do poder, mas que participaram das manifestações contra os abusos e limitações à liberdade. O termo limitou-se à população da Alemanha Oriental e após 9 de novembro, com a reunificação da Alemanha, o slogan foi alterado para "Wir sind ein Volk" (nós somos um povo): o slogan que se limitava à fronteira entre a Alemanha Oriental e a Alemanha Ocidental estava agora decadente e 'Volk' começou a identificar todo o povo alemão (REIHER, 1992, p.51 apud PAGNINI, 2015, p.22).

No entanto, no modo como o PEGIDA utiliza o slogan, a conotação positiva de “Volk” permanece, mas o objetivo da utilização difere daquele de 1989: “[...] hoje PEGIDA identifica 'Volk' como povo alemão e não se opõe à classe dominante, mas se opõe agora aos imigrantes, principalmente os de religião islâmica” (PAGNINI, 2015, p.22). Logo, é possível observar como a ideia de afirmação da identidade através da utilização do slogan é uma ferramenta poderosa utilizada pelo PEGIDA em sua comunicação com o público. A afirmação da identidade também está presente no discurso da AfD.

Figura 17

Por um país, no qual nós alemães possamos viver bem e feliz. Em 24 de Setembro vote AfD! Não perca esta oportunidade: Alemanha!



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2017

Na Figura 17, a frase *für ein Land in dem wir Deutsche gut und gerne leben* mostra como a afirmação da identidade é algo comum, e sendo associada à negação do islã como pertencente à Alemanha (Figuras 15 e 16), demonstra a amplitude que o discurso político populista alcança na realidade social, relacionando os mais diversos aspectos da vida com as ideias de identidade, tradição e cultura nacional, bem como, enfatizando o eminente risco da perda de tal identidade, da pureza e da unicidade do povo alemão. Logo, uma ideia que se torna comum nos discursos é a necessidade de que a islamização seja evitada e a identidade alemã (e europeia) seja protegida.

Quando se pensa na forma como o islamismo é qualificado, e na constante negação da religião islâmica na Alemanha, bem como o modo como a imagem dos imigrantes e dos refugiados islâmicos é representada, associamos tais problemas à questão da identidade e do medo que a AfD e o PEGIDA manipulam em seu favor e nos deparamos, mais uma vez, com a questão da segurança, porém na forma de muros. O retorno dos muros na atualidade é um dos resultados gerados a partir da disseminação do medo e da afirmação da identidade e do particularismo, uma forma de distinguir os autênticos dos não autênticos, uma forma de barrar a invasão da diversidade e do multiculturalismo.

É neste contexto que a demanda por segurança emerge. Segundo Paul Virilio (2012, p.52), “A demanda por segurança é real e seria errado rejeitá-la como fantasia ou paranóia. A

demanda por segurança em um mundo sujeito a medo e grandes perigos é uma realidade política”. Porém, além da demanda por segurança, que se objetiva na forma de muros e tecnologias cada vez mais potentes na função de barrar literalmente os estrangeiros, Virilio (2012) nos apresenta a ideia de que também uma cultura de repulsa foi criada. De acordo com o autor, “O medo não só cria seu ambiente, com seus guetos, comunidades fechadas, comunitarismo, como também criou sua cultura, uma cultura de repulsa. Relaciona-se com o racismo e a rejeição do outro: há sempre uma razão para expulsar, para expulsar o outro” (VIRILIO, 2012, p.58).

No entanto, a cultura da repulsa vai além da ideia de expulsão. Não é somente através da construção de muros para conter fluxo de migrantes e através da demarcação da fronteira que a identidade do povo alemão se torna pura, mas sim através da negação de todas as características vistas como contrárias àquelas consideradas alemãs de fato. É neste sentido que as Figuras 18 e 19 mostram como a linguagem da AfD possui elementos da reação, e negação, às mudanças causadas pelo multiculturalismo e a ideia de repulsa ao diferente.

Na Figura 18, a afirmação de que *Ein islamischer Glaubenskrieg hat in deutschland keinen Platz!* (a guerra religiosa islâmica não possui lugar na Alemanha) mostra, através da figura e do símbolo cristão ao fundo, a forma como a repulsa e negação do diferente ocorrem de forma objetiva. Já na Figura 19, fica clara a demonstração de um desejo de tornar a Alemanha mais segura pela deportação dos estrangeiros infratores (*ausländischen Straftäter*), uma ideia que se conecta diretamente à questão da segurança e, paralelamente, demonstra a forma como o discurso do partido se ocupa em construir no imaginário coletivo a figura do estrangeiro infrator, que não deve conviver na sociedade alemã e deve ser deportado e, assim, tornar a Alemanha segura.

Figura 18

Cristãos sempre foram o alvo dos muçulmanos radicais. Uma guerra de religião islâmica não tem nenhum cabimento na Alemanha!



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2017

Figura 19

Quase todos os criminosos estrangeiros permanecem no país. Criminosos deportados - Alemanha mais segura.



Fonte: Página de Beatrix von Storch no Twitter (@Beatrix_vStorch) – 2018

É importante analisarmos a forma como a questão dos valores é colocada nos discursos da AfD e do PEGIDA, pelo fato de se tratar de uma questão que está envolvida em diferentes aspectos do problema e por ser uma das principais bandeiras do movimento e do partido. Uma vez entendido que a presença do islamismo na Europa representa para o PEGIDA e para a AfD uma ameaça, é possível analisar como o discurso de tais atores políticos é também construído através de características que visam reagir contra o suposto

ataque aos valores tidos como puramente alemães. As Figuras 20 e 21 demonstram o problema através da forma como denunciam a islamização. A Figura 20 aborda a ideia de uma suposta islamização por meio do Estado, mais especificamente, apresenta a ideia de islamização por meio da educação (por KiKa se tratar de um programa educacional da televisão alemã), o que atinge de forma direta a ideia de uma formação cristã e ocidental, pelo fato de abordar aspectos e símbolos islâmicos em sua programação.

Figura 20

Islamização estatal para nossos jovens? KiKa dedica-se a ser um partidário Salafita.



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2018

Na Figura 21, a ideia principal contida nas mensagens é a introdução da Alemanha na Scharia (leis islâmicas). Jörg Meuthen, membro da AfD, com um tom questionador e crítico, apresenta o risco de tais leis serem aceitas e praticadas na Alemanha, o que nos mostra de maneira clara a questão dos valores e da identidade presentes no discurso do partido e do movimento. Logo, a defesa de um germanismo tona-se central no discurso e na forma como a religião, costumes, símbolos e culturas, considerados alheios à cultura ocidental/europeia/judaico-cristã, são inferiorizados e atacados por tais atores.

Figura 21

Bom dia Alemanha! Merkel: "O Islã pertence à Alemanha". A Senhora Merkel deseja a Scharia também para a Alemanha?



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2018

Partindo da ideia exposta com o problema da defesa dos valores alemães, da ideia de identidade nacional e da questão securitária, é possível associar a ideia de fantasia de impermeabilidade tratada por Wendy Brown (2014) e pensá-la de uma forma metafórica para legitimar a defesa de uma sociedade pura e protegida por muros. O muro, além de uma barreira física, pode ser caracterizado como uma barreira que separa o pobre do rico, amigo do inimigo, o que está dentro do que está fora. Para a autora,

Traduzida no desejo pelos muros, a identidade nacional é restaurada não apenas através da potência, mas também através da virtude dos muros. Ela está limpa tanto de sua identificação quanto de sua imbricação com o que está isolando [...] Assim, os muros ajudam a defender a identidade, a virtude e a força da nação contra uma variedade de desafios. [...] o espetáculo do muro inverte e desloca uma série de perturbações para a identidade nacional, desde rejeitados de sua existência até a própria “força de seus próprios instintos”, isto é, suas próprias agressões em direção ao que busca conter (BROWN, 2014, p.129).

Desta forma, a sensação de impermeabilidade que o muro proporciona ajuda a compreender como o problema do populismo se condensa em diferentes aspectos. Segundo Brown (2014),

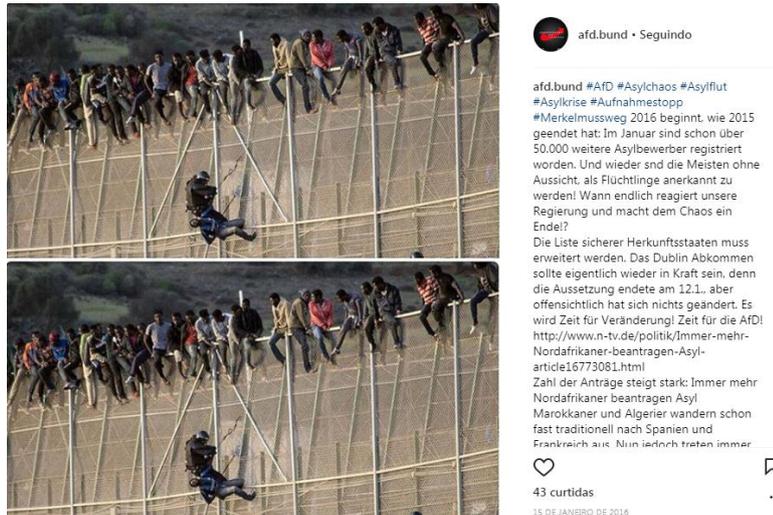
[...] os muros parecem defender de uma falha da soberania em proteger uma nação penetrável (penetrada) (sempre referida como um pronome feminino), uma falha e penetração que também ameaça expor as dependências e necessidades nacionais [...] com a ausência da proteção de um estado soberano, a nação está vulnerável, violável e desesperada. Os muros restauram a imagem de soberania e a capacidades de proteção [por parte do Estado nacional] (BROWN, 2014, p.131).

A autora problematiza o retorno dos muros em um contexto onde a globalização agrava a situação de perda da soberania do Estado nacional e a forma como tal perda gera o desejo pela proteção. Dessa forma, a autora qualifica os muros como

[...] templos modernos que abrigam o fantasma da soberania política. Eles organizam a deflexão de crises de identidade cultural nacional [...] Eles conferem proteção mágica contra poderes grandes, corrosivos e humanamente descontrolados, contra os efeitos das proezas e agressões de uma nação e contra a diluição da nação pela globalização (BROWN, 2014, p.133).

Finalmente, os muros aparecem atrelados a um desejo por proteção, tanto da identidade e da cultura, quanto da ameaça do terrorismo e da criminalidade que supostamente são o resultado das mudanças ocorridas nas últimas décadas com a globalização e a mundialização do capital. Para demonstrar esteticamente a problemática dos muros no discurso do partido e entender em profundidade as questões de identidade e segurança, bem como entender as ideias de defesa de valores e de uma cultura tida como pura e única, abordaremos com a Figura 22 a ideia de necessidade do muro, porém não de uma forma direta, mas de uma forma sutil, que gera desconforto no público que a figura busca atingir. O texto na Figura 23 é o mesmo que acompanha a postagem no Instagram da Figura 22. No texto da postagem, as ideias expostas com as hashtags (palavras chave utilizadas na internet) #Asylchaos, #Asylflut e #Asylkrise, são ideias de caos, crise e de invasão/inundação devido ao crescente número de requerentes de asilo provenientes do Norte da África, e que busca legitimar a necessidade da contenção do fluxo de pessoas (indesejadas) pela construção de barreiras.

Figura 22



Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2016

Figura 23

afd.bund #AfD #Asylchaos #Asylflut #Asylkrise #Aufnahmestopp #Merkelmussweg 2016 beginnt, wie 2015 geendet hat: Im Januar sind schon über 50.000 weitere Asylbewerber registriert worden. Und wieder sind die Meisten ohne Aussicht, als Flüchtlinge anerkannt zu werden! Wann endlich reagiert unsere Regierung und macht dem Chaos ein Ende!?

Die Liste sicherer Herkunftsstaaten muss erweitert werden. Das Dublin Abkommen sollte eigentlich wieder in Kraft sein, denn die Aussetzung endete am 12.1., aber offensichtlich hat sich nichts geändert. Es wird Zeit für Veränderung! Zeit für die AfD!

<http://www.n-tv.de/politik/Immer-mehr-Nordafrikaner-beantragen-Asyl-article16773081.html>

Zahl der Anträge steigt stark: Immer mehr Nordafrikaner beantragen Asyl
Marokkaner und Algerier wandern schon fast traditionell nach Spanien und Frankreich aus. Nun jedoch treten immer mehr Nordafrikaner die Reise nach Deutschland an. Allein im Dezember kamen mehr als im ganzen Jahr 2014.

n-tv.de
Gefällt mir

Fonte: Página da AfD no Instagram (afd.bund) – 2016

A ideia de que as linhas (fronteiras) demarcam a diferença entre aqueles que pertencem e os que não pertencem, e definem quem são os alemães e os que não são, tem por objetivo reconstruir um mundo no qual a identidade nacional representava algo importante e necessário, onde os particularismos e autenticidade do povo possuíam papel determinante na vida.

É da seguinte forma que a AfD e o PEGIDA atuam politicamente: inferiorizando, negando e reagindo a tudo que acreditam ser contrário à pátria, a tudo que debilita o

germanismo e os valores alemães, o que pode ser caracterizado como um posicionamento problemático em um contexto como é o alemão na atualidade, mas, sobretudo, um risco para a sociedade alemã, se consideramos a diversidade e tudo o que multiculturalismo e a globalização representam hoje naquele país.

4 - Considerações Finais

A monografia foi desenvolvida de maneira a apresentar o problema dos novos movimentos sociais e partidos políticos: o que afirmam em seus discursos, qual o sentido e significado dos seus valores e símbolos e, sobretudo, como explicar o sucesso político obtido rapidamente. Logo, procuramos apresentar a AfD e o PEGIDA como manifestações decorrentes das várias dinâmicas que afetaram a Alemanha e a Europa nas últimas décadas. Buscamos ainda demonstrar o problema em sua forma estética através da linguagem utilizada por ambos na sua comunicação direta com as pessoas e na construção do consenso com seus eleitores e seguidores.

A monografia tentou demonstrar como o problema está diretamente relacionado aos aspectos de nosso tempo, por exemplo, a globalização, que através de suas dinâmicas afeta a vida dos indivíduos, mas, principalmente, acirra problemas nas sociedades que agora são muito mais competitivas e desiguais. Além disso, a globalização proporciona a mobilidade, que na realidade nada mais é do que uma ilusão, no sentido de que tal mobilidade é restrita a alguns grupos. A era da globalização é na verdade uma era onde os limites ainda existem, uma era onde conflitos são mais explosivos e o mundo aberto ainda não é uma realidade de fato. Os efeitos da globalização são sentidos na Alemanha através dos conflitos que se desencadeiam em diversos espaços sociais: os conflitos de identidade, os conflitos de classe e os conflitos culturais, ou seja, toda a sociedade passa a experimentar os resultados da globalização e sofre os impactos das dinâmicas turbulentas que a globalização impõe.

Paralelamente, as mudanças econômicas não produziram uma realidade diferente daquela que a globalização impõe. O capitalismo em nosso tempo é brutal e também multiplica conflitos. É neste contexto que a Alemanha está inserida: um contexto onde as mudanças ocorridas com as leis Hartz leva o trabalhador a uma vida precária e ao trabalho flexível, a uma condição de vida insegura e incerta. Ademais, com as mudanças econômicas, os indivíduos que agora se encontram em um mundo de competição extrema, vivem em uma realidade desigual onde as garantias de direitos, reconhecimento e proteção são diariamente atacadas e deterioradas.

Assim sendo, o intuito da apresentação da globalização e das mudanças econômicas na monografia é exatamente o de mostrar como o problema é profundo e complexo. Tratar da AfD e do PEGIDA sem um entendimento aprofundado das novas dinâmicas presentes na sociedade tornaria a análise incompleta, visto que todos os pontos apresentados no trabalho

relacionam-se com o problema de maneira direta, principalmente quando pensamos a maneira como o partido e o movimento se utilizam de tais questões que afetam o nível e o modo de vida dos alemães.

Desta forma, é possível entender os demais problemas apresentados na monografia: os de cunho identitário e securitário. Tais problemas, que nada mais são que o resultado do aumento das desigualdades, podem ser compreendidos como a busca por uma afirmação da identidade nacional em um contexto no qual os valores mudam aceleradamente, o tecido social se altera sem a devida compreensão do que está se processando e onde o pluralismo e o multiculturalismo se tornam parte da vida cotidiana. É em tal contexto que os discursos agressivos e as imagens ofensivas surgem, um contexto de reação a todas as mudanças, sejam elas valorativas, demográficas, econômicas ou culturais.

O discurso da AfD e do PEGIDA, como foi apresentado, mostra essa reação através das manifestações estéticas, sobretudo, mostra a forma como as emoções e sentimentos são manipulados, como uma dramaticidade emotiva toma o lugar da argumentação, como a política sofre uma mutação negativa tornando-se um instrumento de disseminação do medo, bem como um potente meio de gerar o alarmismo e a sensação de emergência. É de tal modo que os atores sociais e políticos aqui expostos agem: através de uma despolitização que ignora a memória histórica e política, que promove um ataque constante ao diverso e uma intensa manipulação dos sentimentos e emoções dos indivíduos.

Sendo assim, o que se buscou expor e enfatizar na monografia foi exatamente o surgimento de um movimento e de um partido, um evento inesperado e imprevisto, que nascem negando a expansão dos direitos, o multiculturalismo e a diversidade; nascem afirmando um particularismo e a autenticidade de um povo único e verdadeiro. Não obstante, a AfD e o PEGIDA trabalham de modo a reconfigurar a identidade alemã, mas, sobretudo, através do discurso de ódio e da política do medo, tornam a realidade uma fonte de angústias, medos e ressentimentos.

Por fim, PEGIDA e a AfD são o exemplo vivo de um mundo em mudança, são a expressão máxima do tempo presente, seja devido às mutações ocorridas com as mudanças econômicas, seja por mudanças no tecido social com as imigrações. Ambos são a materialização de um problema que a Alemanha não imaginava ter de lidar, um problema que ganha força e representação na maior potência da Europa. Logo, o partido e o movimento se

caracterizam como um novo desafio para a democracia, mas, sobretudo, são a prova de que a Alemanha não está livre do extremismo.

5 - Referências Bibliográficas

ANGELI, Matteo. **Dentro l'Afl: intervista a Beatrix Von Storch**. Disponível em: <<http://archivio.lavocedeltrentino.it/2017/03/10/dentro-lafd-intervista-beatrix-von-storch/>>.

Acesso em: 10 abril 2017.

ANTONELLI, Giuseppe. **Gli emologismi**. 2017. Disponível em: <<https://www.pressreader.com/italy/la-lettura/20170205/281659664776964>> . Acesso em: 18 abril 2018

AUGÉ, Marc. **Les Nouvelles Peurs**. Paris: Payot & Rivages, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zigmunt. **Se il futuro si tinge di nero - la grande mutazione del lavoro giovanile**. 2006. Disponível em: <<https://www.dirittiglobali.it/2006/03/precari-la-grande-mutazione-del-lavoro-giovanile-articolo-di-gallino/>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

BBC News. **German row over right-winger's „racist“ Boateng remark**. 29 mar. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-europe-36408935>. Acesso em 18 jun. 2017

BELLUATI, Marinella; GENETTI, Silvia. **Odiare a parole. Gli hate speech nella discussione parlamentare**. [2017]. Disponível em: <http://www.academia.edu/29942025/ODIARE_A_PAROLE_GLI_HATE_SPEECH_NELLA_A_DISCUSSIONE_PARLAMENTARE>. Acesso em: 23 mar. 2018.

BOLAFFI, Angelo. **Se la Merkel scopre le due Germanie**. Apiceuropa, fev. 2016. Disponível em: <http://www.apiceuropa.com/wp2/wp-content/uploads/2016/02/bolaffi.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2017

BROWN, Wendy. **Walled States, Waning Sovereignty**. Zone Books, Nova York, 2014.

BROWN, Wendy. **Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution**. New York: Zone Books, 2015.

BUCCI, Tonino. **Più lavoro ma precario: Hartz IV e Jobs act, i programmi che uniscono Renzi e Merkel**. 22 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.ilfattoquotidiano.it/2014/03/22/piu-lavoro-ma-precario-hartz-iv-e-jobs-act-i-piani-occupazione-che-uniscono-renzi-e-merkel/919776/>>. Acesso em: 24 mar. 2018

CALDIRON, Guido. **Estrema destra verso il Bundestag, la rabbia arriva dalle regioni dell'Est**. 2017. Disponível em: <<https://ilmanifesto.it/>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

COLLIS, Helen. **German far-right leader under fire over leaked email**. 2017. Disponível em: <<https://www.politico.eu/article/alice-weidel-german-far-right-leader-under-fire-over-leaked-email/>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

DAL LAGO, Alessandro. **Non-persons. The Exclusion of Migrants in a Global Society**. Giangiacomo Feltrinelli Editore, Milano, 1999.

DEMICHELI, Lelio. **Il digitale populista**. 2017. Disponível em: <<https://www.alfabeta2.it/2017/09/19/il-digitale-populista/>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

FALLOTH, Erich. **Germany is becoming Islamophobic**. Spiegel Online, 10 aug. 2010. Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/germany/the-sarrazin-debate-HYPERLINK> "<http://www.spiegel.de/international/germany/the-sarrazin-debate-germany-is-becoming-islamophobic-a-714643.html>"germany-is-becoming-islamophobic-a-714643.html. Acesso em: 18 jun. 2017

FAZI, Thomas; IODICE, Guido. **Divergenze in Europa: questione di prezzi o di quantità?** 24 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.economiaepolitica.it/politiche-economiche/europa-e-mondo/divergenze-in-europa-questione-di-prezzi-o-di-quantita/>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

FERRAJOLI, Luigi. **La politica obbedisce all'economia e non conosce più il diritto**. Entrevista conceda a Iaia Vantaggiato em 17 de setembro de 2017. Disponível em: <<http://ildubbio.news/ildubbio/2017/09/17/ferrajoli-la-politica-obbedisce-alleconomia-non-conosce-piu-diritto/>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

GALLI, Carlo. La Globalización. In: GALLI, Carlo. **Espacios Políticos La edad moderna y la edad global léxico de política**. Buenos Aires: Nueva Vision Argentina, 2002. p. 119-156.

GALLINO, Luciano. Dalla flessibilità del lavoro alla precarietà della vita. In: **Vite rinviate: scandalo del lavoro precario**. Roma: Laterza, 2014. p. 07-53.

GAULAND, Alexander. Entrevista concedida a Uri Friedman. 02 outubro 2017. Disponível em <https://www.theatlantic.com/international/archive/2017/10/gauland-afd-germany/541530/> Acesso em 06 Dec. 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. LTC, Rio de Janeiro, 2012

IL FATTO QUOTIDIANO. **Germania, nipote del ministro di Hitler e deputata Afd denunciata per un tweet razzista: "Musulmani barbari stupratori"**. 2018. Disponível em: <<https://www.ilfattoquotidiano.it/2018/01/02/germania-nipote-del-ministro-di-hitler-e-deputata-afd-denunciata-per-un-tweet-razzista-musulmani-barbari-stupratori/4069325/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

LUCCHINI, Laura. **El xenófobo que divide a Alemania**. El País, 20 mar. 2011. Disponível em: http://elpais.com/diario/2011/03/20/domingo/1300596756_850215.html. Acesso em: 17 jun. 2017

MAURO, Tullio de. **Le parole per ferire**. 2016. Disponível em: <<https://www.internazionale.it/opinione/tullio-de-mauro/2016/09/27/razzismo-parole-ferire>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

MASTROBUONI, Tonia. **Germania, assalto ai profughi attaccati un bus e un ostello. L'ultradestra soffia sull'odio**. Repubblica, 23 fev. 2016. Disponível em: http://www.repubblica.it/esteri/2016/02/23/news/titolo_non_esportato_da_hermes_-_id_articolo_2581595-134022534/. Acesso em: 18 jun. 2017

PAGNINI, Alex. **La lingua di PEGIDA: come parlano i patioti europei contro l'islamizzazione dell'occidente**. 2015. 25 f. Monografia (Especialização) - Curso de Laurea In Mediazione Linguistica Interculturale, Università di Bologna, Bologna, 2015.

REUTERS STAFF. **Mediterranean "by far world's deadliest border" for migrants: IOM**. 24 novembre 2017. Disponível em <https://www.reuters.com/article/us-europe-migrants/mediterranean-by-far-worlds-deadliest-border-for-migrants-iomidUSKBN1DO1ZY> Retrieved em 06 Dec. 2017.

ROSATELLI, Jacopo. **La camicia bruna dell'identità étnica**. Il Manifesto, 25 abr. 2017. Disponível em: <https://ilmanifesto.it/la-camicia-bruna-dellidentita-etnica/>. Acesso em: 18 jun. 2017

RUCHT, Dieter, **Pegida e & Co. – Ascension et chute d'une entreprise populiste**. In Friedrich Ebert Stiftung. Bureau de Paris, 2015. Disponível em <https://www.fes.de/buergergesellschaft/publikationen/documents/BB-41PegidaInternet.pdf>. Acesso em 29 abr. 2018

SASSEN, Saskia. **Expulsions: Brutality and Complexity in the Global Economy**. Harvard University Press, 2014.

SASSEN, Saskia. **Los espectros de la globalización**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

STAUDENMAIER, Rebecca. **AfD's Alice Weidel called German government 'pigs' in racist email**. 2017. Disponível em: <<http://www.dw.com/en/afds-alice-weidel-called-german-government-pigs-in-racist-email/a-40433932>>. Acesso em 29/01/2018

STONE, Jon. **German right-wing populists AfD launch „racist“ attack on one of Angela Merkel's ministers. 29 aug.** 2017. Disponível em: <German right-wing populists AfD launch „racist“ attack on one of Angela Merkel's ministers>. Acesso em: 30 jan. 2018.

TODOROV, Tzvetan. **Muros caídos, muros erigidos**. Katz Editores, 2011

TODOROV, Tzvetan. **Os Inimigos Íntimos da Democracia**. São Paulo: Cia da Letras, 2012.

TORTELLO, Letizia. **Operai, maschi, artigiani hanno scaricato Angela: ecco chi ha votato AfD**: La roccaforte di Alternative für Deutschland è nell'Est senza profughi. 2017. Disponível em: <<http://www.lastampa.it/2017/09/26/esteri/operai-maschi-artigiani-hanno-scaricato-angela-ecco-chi-ha-votato-afd-QirGAYuOe2B2tKN98Nyj6M/pagina.html>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

VIRILIO, Paul. **The Administration of Fear**. [s.l.]: Semiotext(e), 2012.

WINTER, Chase. **Islamization or fairy tale? 'Ali Baba' playground in Berlin stirs controversy**. 2017. Disponível em: <http://www.dw.com/en/islamization-or-fairy-tale-ali-baba-playground-in-berlin-stirs-controversy/a-41233361>. Acesso em: 06 fev. 2018

Figura 1: disponível em <http://www.dw.com/en/islamization-or-fairy-tale-ali-baba-playground-in-berlin-stirs-controversy/a-41233361> Acesso em 06 fev. 2018.

Figura 2: disponível em https://www.instagram.com/p/BdkKd53n_TC/?taken-by=afd.bund Acesso em 10 abr. 2018.

Figura 3: disponível em <https://www.instagram.com/p/BgOSTX2hf9S/?taken-by=afd.bund> Acesso em 12 mar. 2018.

Figura 4: disponível em <https://www.instagram.com/p/BiEYj5HnBX4/?taken-by=afd.bund> Acesso em 11 abr. 2018.

Figura 5: disponível em <https://www.instagram.com/p/BbKORKLn55T/?taken-by=afd.bund> Acesso em 11 abr. 2018.

Figura 6: disponível em <https://www.instagram.com/p/BR7i7FkAtG7/?taken-by=afd.bayern> Acesso em 28 abr. 2018.

Figura 7: disponível em <https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3HYPERLINK>
["https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3](https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3) HYPERLINK
["https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3&source=54"](https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3&source=54) & HYPERLINK
["https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3&source=54"](https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3&source=54) source=54" HYPERLINK
["https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3&source=54"](https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3&source=54) & HYPERLINK
["https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3](https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3) HYPERLINK
["https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3&source=54"](https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3&source=54) & HYPERLINK
["https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3&source=54"](https://m.facebook.com/alternativ fuerde/photos/a.542889462408064.1073741828.540404695989874/1837569809606683/?type=3&source=54) source=54" source=54" Acesso em 10 abr. 2018.

Figura 8: disponível em <https://www.instagram.com/p/Bb6444UH3v9/?taken-by=afd.bund> Acesso em 10 abr. 2018.

Figura 9: disponível em https://www.instagram.com/p/BgVvkt_B14f/?taken-by=afd.bund Acesso em 29 mar. 2018.

Figura 10: disponível em <https://www.instagram.com/p/Bfio4GBnPK5/?taken-by=afd.bund> Acesso em 10 abr. 2018.

Figura 11: disponível em <https://www.instagram.com/p/BMXOESSgoPU/?taken-by=afd.bund>
Acesso em 11 abr. 2018.

Figura 12: disponível em
https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405 HYPERLINK
["https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405) HYPERLINK
["https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150"](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150)
 & HYPERLINK
["https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150"](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150)
[id=549796328395150" HYPERLINK](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150)
["https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150"](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150)
 & HYPERLINK
["https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150"](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150)
 YPERLINK ["https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405)
 HYPERLINK
["https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150"](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150)
 & HYPERLINK
["https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150"](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150)
[id=549796328395150" id=549796328395150](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2000453633329405&id=549796328395150) Acesso em 29 abr. 2018

Figura 13: disponível em <https://www.instagram.com/p/BJnarz1gl2Y/> Acesso em 04 mai. 2018

Figura 14: disponível em <https://www.instagram.com/p/BfAwnnMHtdK/?taken-by=afd.bund>
Acesso em 19 abr. 2018.

Figura 15: disponível em
<https://m.facebook.com/afd.bayern/photos/p.1376324329151830/1376324329151830/?type=3>
Acesso em 27 abr. 2018.

Figura 16: disponível em <https://www.instagram.com/p/BhGgXieHTa5/?taken-by=afd.bund>
Acesso em 27 abr. 2018.

Figura 17: disponível em <https://www.instagram.com/p/BZRJ-7OH04b/?taken-by=afd.bund>
Acesso em 19 abr. 2018.

Figura 18: disponível em <https://www.instagram.com/p/BbOiJraHV5M/?taken-by=afd.bund>
Acesso em 10 abr. 2018.

Figura 19: disponível em https://twitter.com/Beatrix_vStorch Acesso em 04 mai. 2018.

Figura 20: disponível em <https://www.instagram.com/p/Bhq6caSHPEh/?taken-by=afd.bund>
Acesso em 19 abr. 2018.

Figura 21: disponível em <https://www.instagram.com/p/BggAXwEBqRz/?taken-by=afd.bund>
Acesso em 29 abr. 2018.

Figura 22: disponível em <https://www.instagram.com/p/BAjW7N-wArk/?taken-by=afd.bund>
Acesso em 02 mai. 2018.

Figura 23: disponível em <https://www.instagram.com/p/BAjW7N-wArk/?taken-by=afd.bund>
Acesso em 02 mai. 2018.